

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**GREICE KELLY KILA DA SILVA**

**DISPUTA PELO PODER EM LAGUNA: DA CONSOLIDAÇÃO DOS  
LIBERAIS À ASCENSÃO DE GIOCONDO TASSO**

**CRICIÚMA**

**2013**

**GREICE KELLY KILA DA SILVA**

**DISPUTA PELO PODER EM LAGUNA: DA CONSOLIDAÇÃO DOS  
LIBERAIS À ASCENSÃO DE GIOCONDO TASSO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanelatto.

**CRICIÚMA**

**2013**

**GREICE KELLY KILA DA SILVA**

**DISPUTA PELO PODER EM LAGUNA: DA CONSOLIDAÇÃO DOS  
LIBERAIS À ASCENSÃO DE GIOCONDO TASSO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Política.

Criciúma, 03 de dezembro de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. João Henrique Zanelatto - Doutor- UNESC - Orientador

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - UNESC

Prof. Marcos Juvencio de Moraes- Mestre - PUCRS

A Fabiana Kila e Terezinha Kila, que  
juntas são o meu porto seguro.

## AGRADECIMENTOS

É tão difícil escrever os agradecimentos, quando senta-se na frente do computador abrir o Word, e pensa-se em todas as pessoas que tiveram com você ao longo dessa trajetória tão importante da sua vida, percebo que faltaria espaço para agradecer a todos. Então a todos que estiveram ao meu lado expressei toda a minha gratidão e amor. Muito obrigada por estar comigo nesse momento. Mas, sempre tem as pessoas que tiveram mais ao seu lado é para eles que dedico o meu agradecimento especial.

Primeiramente quero agradecer a Deus, por sempre estar comigo em todos os momentos da minha vida. A Fabiana Buava Kila, mais que uma mãe a minha heroína, a Terezinha Kila o meu exemplo de vida, e ao meu pai e meus irmãos que amo mais que tudo. Um agradecimento especial aos meus colegas que me acompanharam nessa vida acadêmica tão importante, especialmente a minha melhor amiga-irmã Franciele Rodrigues pelos quatro anos de amizade, compreensão, carinho, lealdade e companheirismo.

Agradeço aos meus professores que me ajudaram a crescer intelectualmente. Ao meu orientador João Henrique Zanelatto, por me guiar nos caminhos do estudo e porque, sem sua orientação, esta pesquisa não teria se realizado: obrigado por sua compreensão, por seu auxílio, por me entender, por brigar até. A você, expressei a minha maior gratidão.

Por fim mais não menos importante agradeço ao meu noivo, companheiro e futuro marido Diego Leandro por estar comigo nesses quatro anos de dificuldades, angústias, tristezas e alegrias. Muito obrigada amor, por sempre me entender e estar ao meu lado, te amo muito.

**“A história de fato não vive fora do seu tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata da história política: suas variações são resultado tanto das mudanças que afetam o político como das que dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político.”**

**René Rémond**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os desdobramentos políticos do município de Laguna, do início da década de 1930 até a implantação do Estado Novo. Um dos propósitos é explorar, como esses acontecimentos influenciaram nos jogos políticos e nas disputas pelo poder, observados através dos periódicos locais. Aborda-se também a hegemonia dos liberais, em especial a ascensão política de Giocondo Tasso, ao comando do poder executivo do município de Laguna até 1945.

**Palavras-chave:** História e Política; Laguna; Giocondo Tasso.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 A ALIANÇA LIBERAL E O MOVIMENTO DE 1930 RELATADOS NA IMPRENSA DE LAGUNA</b> .....	<b>16</b>
<b>3 HEGEMONIA DOS LIBERAIS E DE GIOCONDO TASSO NA POLÍTICA DE LAGUNA NA DÉCA DA DE 1930</b> .....	<b>31</b>
3.1 LAGUNA NO PÓS-30: DA DISSIDÊNCIA LIBERAL A ASCENSÃO DE GIOCONDO TASSO AO PODER MUNICIPAL .....	35
3.2 TENSÕES NA POLÍTICA REGIONAL EM SANTA CATARINA NA DÉCADA DE 1930 .....	40
3.3 GOVERNO DE GIOCONDO TASSO.....	44
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>5.REFERÊNCIAS</b> .....	<b>522</b>
ANEXOS.....	54
ANEXOS A- JORNAL CORREIO DO SUL, 1º DE MARÇO DE 1930.....	55
ANEXOS B- JORNAL A CIDADE, 8 DE SETEMBRO DE 1929.....	56
ANEXOS C- JORNAL A RAZÃO, 24 DE JANEIRO DE 1932.....	57
ANEXOS D- JORNAL CORREIO DO SUL, 7 DE ABRIL DE 1934.....	58

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha vida acadêmica, as questões políticas despertaram uma paixão a mais, principalmente as questões regionais. Com isso, inicialmente escolhi um período, optei pela década de 30, já que tenho uma simpatia maior pelo mesmo. Nesta década, o Sul Catarinense era composto por oito municípios, dos quais escolhi Laguna, por vários motivos: a mesma tinha uma grande quantidade de periódicos naquela época, uma atividade econômica muito forte e era um dos municípios mais importante.

O objetivo da pesquisa era analisar as disputas pelo poder político no município de Laguna, na década de 1930, dando ênfase à ascensão política de Giocondo Tasso ao comando do poder executivo municipal. Para tanto, abordaram-se as mudanças políticas que vinham se processando em âmbito nacional e regional no final dos anos de 1920, o movimento de 1930 que colocou Vargas na presidência e como este movimento provocou mudanças nas disputas pelo poder em Laguna.

No início do projeto também foi desenvolvido duas perguntas problemas: Como se processava as disputas pelo poder político no município de Laguna? Como Giocondo Tasso, um descendente de imigrante italiano se tornou uma figura importante no meio político em Laguna? Essas duas perguntas serão respondidas ao longo da monografia.

A pesquisa foi fundamentada na renovada história política. Por essa razão parece-me importante entender as críticas que esta sofreu, ao longo do século XX, antes de descrever as suas novas metodologias, temas, objetivos e abordagens, ou seja, entender o seu descrédito anterior para o seu crédito atual.

As críticas mais contundentes à história política e a história narrativas, provocando a marginalização da dimensão política dos fatos sociais, vieram do grupo dos Annales que a consideravam literária e passível de ser romanceada por fundamentar-se, sobretudo em conflitos locais e de curta duração.<sup>1</sup>

As três tendências, que criticaram duramente a história política, são os grupos dos Annales, do marxismo e do estruturalismo. Criticaram-na dizendo que ela estava vinculada aos acontecimentos e narração dos fatos. O marxismo, por estar

---

<sup>1</sup> FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. *Revista Catarinense de história*, nº 5, 1998. p. 55.

vinculado as lutas de classe, ao proletariado, abandonou a importância da história política e ligou-a aos primórdios da história econômica. Por outro lado, as contribuições dos marxistas foram importantes pra superar os acontecimentos isolados, ligando-se a uma história social, voltado para o total. Já o estruturalismo transformou a história política num jurídico-político de “superestrutura em um nível, uma instância ou uma estrutura regional, visto ao lado de outras duas, a economia e a ideologia; debatem-se as relações entre esses níveis ou instâncias e o todo”.<sup>2</sup> Por último os Annales, que irão criticar a história política por estar ligada ao Estado, a disputa pelo poder, a conservação das instituições, dos heróis. Toda essa história desfrutou por um longo tempo um grande prestígio.

As revoluções que derrubaram os regimes monárquicos não destronaram a história política de sua posição preeminente, apenas mudando seu objetivo. Em vez de fixar-se na pessoa do marca, a história política voltou-se para o Estado e a nação, consagrando daí em diante suas obras á ás revoluções políticas, ao advento da democracia, ás lutas partidárias, aos confrontos entre as ideologias políticas.<sup>3</sup>

Segundo Vavy Pacheco Borges<sup>4</sup>, desde a antiguidade a história política sempre existiu, na Grécia Antiga a política era ligada aos acontecimentos militares e religiosos, ao longo do tempo a história política foi mudando seu foco, mas, sempre ficou ao lado da história do Estado, no século XIX voltou-se para o nacionalismo, vinculada as instituições, partidos, presidente, ministros, generais, a classe dominante.

Um dos primeiros historiadores a tentar reivindicar em favor da história política, segundo Loiva Otero Félix<sup>5</sup> foi Jacques Julliard, que era um historiador francês, que irá apontar os vícios e defeitos da história política:

A história política é psicológica e ignora condicionamentos; é elitista, biográfica mesmo, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora o serial; visa o particular e ignora a comparação; é narrativa e ignora a análise; é materialista e ignora o material; é ideológica e não tem disso consciência; é parcial e não sabe que o é; atém-se ao consciente e ignora o inconsciente; é pontual e ignora o

2 BORGES, Vavy Pacheco. *História e política: laços permanentes*. Rer. Brasileira de História, São Paulo, v. 12, n. 23-24, p. 7-18, set./ago. 91-92. p. 13.

3 RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 13.

4 BORGES, Vavy Pacheco. *História e política: laços permanentes*. Rer. Brasileira de História, São Paulo, v. 12, n. 23-24, p. 7-18, set./ago. 91-92. p. 9.

5 FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. *Revista Catarinense de história*, nº 5, 1998. p. 57.

longo prazo; numa palavra, porque esta palavra resume tudo na gíria dos historiadores, é factual. Em suma, a história política confunde-se com a visão ingênua das coisas, visão que atribui a causa dos fenômenos ao seu agente mais evidente, mais elevado na escola, e que avalia sua importância real de acordo com a repercussão na consciência imediata do espectador.<sup>6</sup>

Outro autor que trabalhou com os descréditos e renovação da história política foi René Rémond. Segundo ele, “o movimento que leva a história, o mesmo que acarretou o declínio da história política, hoje traz de volta essa história ao primeiro plano ”<sup>7</sup>; os que levaram a história política ao declínio seriam a história econômica e social. Assim:

Ao lado da história das relações internacionais, profundamente renovada, da história religiosa, também reformada e em plano desenvolvimento, da história cultural, a última a chegar e que desfruta de um entusiasmo comparável àquele de que se beneficiaram tempos atrás a história econômica e história social, eis que a história política experimenta uma espantosa volta da fortuna, cuja importância os historiadores nem sempre tem percebido.<sup>8</sup>

René Rémond e Jacques Julliard trabalharam com o termo o Retorno do estudo da história política, uma revalorização. Assim, a história política ressurgiu com nova metodologia, direcionando um novo olhar para a história internacional, a história do estado, das instituições, enfim, sofrendo uma mudança, passando agora a pensar além das instituições, uma história pensada além da política. Segundo alguns autores, a história política teve um retorno<sup>9</sup>, seria mais apropriado dizer que ocorreu uma mudança teórico-metodológica, já que agora buscava uma história mais total, abdicando dos interesses pela história individual, particular, para o coletivo.

Félix trabalha com a questão do “imaginário político”, ou seja, um imaginário coletivo, uma história global, que integraria todos os campos. Segundo Rémond, a história agora estava em harmonia com o intelectual e o político, ou seja, a história política agora passava a ter uma grande simpatia pelos esquecidos, pela história tradicional, um olhar para as massas. “Ação Francesa, não foram os 40 reis que primeiro fizeram a França, mas gerações de camponeses e algumas centenas de milhares de burgueses: a grandeza do reino fora edificada sobre o sofrimento dos

---

<sup>6</sup>Ibid., 57.

<sup>7</sup> RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 14.

<sup>8</sup> Ibid., p. 14.

<sup>9</sup> LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*.

humildes”.<sup>10</sup> Com a citação acima, percebe-se agora o interesse que a história política buscava nos acontecimentos, direcionando um novo olhar para história dos reis para assim entender a história em outras óticas, ainda não estudadas; uma história feita por aqueles que foram esquecidos ao longo dos anos pela história tradicional – homens, mulheres, idosos, crianças, trabalhadores – uma história vista de baixo. Rémond argumenta ainda: “não quero dizer que todo o historiador deva interessa-se pelo político, mas sim que há lugar na família para uma história política”, ou seja, em todas as áreas pode-se trabalhar a história política.

No que tange às fontes esta pesquisa utilizou-se da imprensa. Segundo a historiadora Tânia de Luca, em seu trabalho com os periódicos, é preciso manter-se neutro, perceber se não existem influências ocultas que são transmitidas através dos órgãos de informação, por exemplo, publicidade dos governos utilizada pelos periódicos como meio de manipulação.<sup>11</sup> Por muito tempo a imprensa era considerada uma fonte suspeita, teria que usá-la com cautela, pois não recebia muita credibilidade; na última década esse pensamento vem mudando, os periódicos vêm sendo usados como “fonte de informação cotidiana”<sup>12</sup>; cada vez mais, cresce o uso corrente dos jornais em trabalhos acadêmicos. Com eles podemos entender vários momentos da história, do seu cotidiano, como a sociedade se apresentava em determinada época; hoje estão se tornando um instrumento de pesquisa muito importante para os historiadores.

A escolha de um periódico como objetivo:

Trata-se de entender a imprensa como linguagem construtiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridade próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendado, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Assim, essa pesquisa abordou os jornais como fonte, utilizando oito periódicos que tinham no município. Através dos jornais foi possível compreender as disputas pelo poder político no município de Laguna, e entender como eles eram utilizados, em benefício de cada grupo político. Além dos jornais foram utilizados

<sup>10</sup> RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 19-22.

<sup>11</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. p. 118.

<sup>12</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa, *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 255-272 dez/2007. p. 258.

outros meios como os panfletos – meio da imprensa também muito importante para entender como os grupos políticos de Laguna se articulavam.

A pesquisa foi estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo pretende-se trabalhar o movimento de 1930 e a formação da Aliança Liberal após a ruptura da política café com leite. E com isso analisar como as eleições de 1930 foram mostradas nos periódicos, enfatizando na derrota da Aliança Liberal, o movimento revolucionário em âmbito nacional, estadual e em Laguna. Finaliza descrevendo a vitória do movimento revolucionário, que colocou Getúlio Vargas no poder e deu grande prestígio para os seus aliados, destacando todos os benefícios que o município de Laguna ganhou.

No segundo capítulo, aborda-se rapidamente a organização socioeconômica e política de Laguna. Destacaram-se as mudanças políticas no pós-movimento de 30, em âmbito nacional, estadual e municipal e em especial a ascensão política de Giocondo Tasso ao comando do poder executivo municipal.

## 2 A ALIANÇA LIBERAL E O MOVIMENTO DE 1930 NA IMPRENSA DE LAGUNA

*Catarinense! O teu voto, se és barriga-verde digno desse nome, deve ser para os ilustres estadistas JULIO PRESTES – VITAL SOARES porque eles farão tudo pela grandeza do Brasil.*  
(O Albor, 28 de julho de 1929)

Na manhã do dia 28 de julho de 1929, em Laguna, o jornal *O Albor*<sup>13</sup> publicou pela primeira vez notícias sobre a eleição para a presidência da República, que ocorreria no dia 1º de março 1930. Eleição esta, que teria dois candidatos na disputa: Júlio Prestes e Getúlio Vargas.

A matéria, intitulada “Carta do Rio”, publicara acontecimentos políticos ocorridos na capital do país. Esta era iniciada da seguinte forma: “Eis declarado a grande luta em torno das candidaturas à presidência da República”<sup>14</sup>. No decorrer da carta, o autor faz um discurso sobre a aliança realizada entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul, estados que posteriormente iriam levantar a bandeira do movimento revolucionário. A vontade do Presidente da República Washington Luiz, era de falar sobre a eleição somente em setembro, mas o que se percebe no texto, é que esses dois estados não teriam respeitado sua vontade e desta forma tomaram a iniciativa de lançar a candidatura de Getúlio Vargas.

Como afirma a carta, o então presidente não concordara com a indicação, cuja disputa, para ele, traria várias crises financeiras ao país. Com a nomeação dos dois candidatos, iniciava-se a disputa e todas as hostilidades eleitorais. Washington Luiz declarara: “Vamos à luta”<sup>15</sup>. Dezesete estados estavam ao seu lado, apenas três ainda não tinham manifestado posição, como a Paraíba, cujo governador, João Pessoa, fora convidado para ser vice na chapa de Getúlio Vargas.<sup>16</sup> Segundo a matéria, o estado de Minas Gerais estava entrando na “luta unida”. O mesmo não acontecia com o Rio Grande do Sul, alguns partidários que se uniram ao partido Aliança Liberal, esses eram contrários que Borges de Medeiros ficasse no comando do partido. Em São Paulo, o Partido Democrático estava dividido: uns com Júlio

<sup>13</sup> O dono do jornal primeiro foi Adalberto Bessa. Depois na década de 30 era Antonio Bessa, o jornal ficou em circulação até 1945.

<sup>14</sup> CARTA do Rio. *O Albor*, 28 de julho de 1929.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> CARTA do Rio. *O Albor*, 28 de julho de 1929.

Prestes, outros com Getúlio Vargas. E por fim a publicação termina: “Aguardamos os acontecimentos”.<sup>17</sup>

Posto isto, considera-se importante fazer uma breve regressão para compreender as mudanças que vinham se processando no país na década de 1920 e que contribuíram para a formação da Aliança Liberal e o movimento de 1930. A sociedade brasileira, neste período, viveu grandes agitações e profundas transformações que afetaram todas as áreas, com rupturas, movimentos reivindicativos, crises financeiras e sociais que deixaram profundas marcas, levando ao movimento de 30.

A semana de arte moderna, a criação do Centro Dom Vital a comemoração do centenário da Independência e a própria sucessão presidencial de 1922 foram indicadores importantes dos novos ventos que sopravam, colocando em questões os padrões culturais e políticos da Primeira República.<sup>18</sup>

Além do exposto, do ponto de vista econômico, o preço do café experimentou momentos de apogeu e declínio. O Brasil sofreu com a Crise de 1929, iniciada nos Estados Unidos da América e que ocasionou uma “grande depressão” econômica, com a queda das bolsas de valores no mundo inteiro, que teve que lidar com a superprodução e a falta de empregos. Este foi o fim do “liberalismo econômico” formulado por Adam Smith.<sup>19</sup> Portanto, além de todos os antagonismos políticos que estavam acontecendo, o país teve que enfrentar a grande crise econômica que afetou em cheio o setor do café, já que os Estados Unidos da América eram os maiores compradores do produto. Isso desencadeou um grande abalo financeiro não só para os cafeicultores, mas também para os vários setores que estavam ligados à produção cafeeira.

Na esfera política, a década de 1920 deu lugar ao Movimento Tenentista e em 1922 foi criado o PCB – Partido Comunista Brasileiro –, acontecimentos estes que acarretaram profundas transformações na sociedade brasileira. Por fim, como já referido, em 1929 o país passaria por uma eleição para presidente da República.

<sup>17</sup> CARTA do Rio. *O Albor*, 28 de julho de 1929.

<sup>18</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. p. 389.

<sup>19</sup> Sobre o liberalismo econômico, ver: SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

Todas essas agitações ocasionaram “uma ruptura que já vinha sendo notada entre os membros da classe dominante deste há muito”.<sup>20</sup>

Durante a Primeira República, se consolidou a política do “Café com Leite”, união das duas oligarquias mais influentes, paulista e mineira. Em cada processo eleitoral reuniam-se para decidir o candidato à presidência. Nesse momento o Partido Republicano era o mais forte de todos os partidos, assim tendo mais influência e domínio. As outras oligarquias aceitavam sempre as indicações de São Paulo e Minas Gerais. Por interesses próprios, através das várias verbas que recebiam da política de troca de favores. De acordo com Karla Leonora Dahse Nenus:

[...] articularam-se os políticos de todos os estados brasileiros na busca de alianças que garantissem a vitória de seus candidatos quase sempre mancomunados em arranjos de trocas de favorecimentos que, em geral, acontecia entre as três principais instâncias políticas da sociedade brasileira: o presidente da República, os governadores estaduais e os coronéis.<sup>21</sup>

A primeira divergência contra esta política dominante ocorreu em 1922, quando se questionou o domínio e influência das oligarquias tradicionais. Nesse momento surgiu uma nova aliança, a Reação Republicana, que se posicionou contra a indicação de Arthur Bernardes. Em 1922, quando ocorreria um novo processo eleitoral, o presidente Epitácio Pessoa uniu-se com os grupos dominantes de Minas e São Paulo. Eles fecharam em torno dos nomes de Arthur Bernardes e Urbano Santos, o primeiro era governador de Minas Gerais.

A eleição em torno da candidatura de Arthur Bernardes foi marcada por vários conflitos internos entre os militares e as outras oligarquias que não apoiaram sua indicação. Entre o processo eleitoral e a posse de Arthur Bernardes, estourou o movimento tenentista, que foi a primeira tentativa dos militares de derrubar o governo central.

Depois de quatro anos, iniciou-se um novo processo eleitoral, que ocorreu tranquilamente, sem grandes conflitos internos. Percebe-se que as oligarquias estavam novamente unidas. O Presidente Arthur Bernardes foi substituído pelo governador de São Paulo, Washington Luís. No ano de 1929, ocorreria um novo

---

<sup>20</sup> NENUS, Karla Leonora Dahse. *Santa Catarina no caminho da Revolução de Trinta: memórias de combates (1929-1931)*. Florianópolis: DIOCEC, 2012. p. 32.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 32.

processo eleitoral à presidência da República. Como sempre acontecia, os dois estados de maior poder econômico-financeiro iriam se reunir e indicar um novo candidato.

À época, era presidente do Brasil o senhor Washington Luís Pereira de Sousa. Pelos meandros da política de então, cabia a ele indicar o nome de seu sucessor e, desse jeito, mesmo que dependendo do resultado das votações, tal indicação já era praticamente a garantia da eleição ganha. As eleições serviam então para ratificar e conferir ar de legalidade e suposto cumprimento dos ideais republicanos explícitos na Constituição. Washington Luís, após consultar os presidentes dos vinte estados que compunham o Brasil de então e receber o apoio de dezessete, resolve indicar o nome de Júlio Prestes de Albuquerque como seu sucessor. A indicação causou furor porque rompeu a chamada política do café com leite.<sup>22</sup>

A ruptura entre os dois estados ocorreu depois da indicação de Julio Prestes por Washington Luís. São Paulo e Minas Gerais tinham um acordo interno, a cada eleição para presidente um dos dois estados indicava um candidato, esse acordo funcionou por vários anos. Em 1922, Arthur Bernardes foi indicado pelo estado de Minas Gerais, em 26 quando ocorreu um novo processo eleitoral foi a vez de São Paulo indicar, agora em 29 seria a vez de Minas Gerais indicar, mas, Washington Luís não respeitou o acordo e indicou um candidato da sua preferência, ocasionado uma ruptura entre os dois estado, como podemos observar na citação acima.

Neste novo cenário político, depois de vários antagonismos entre os dois Estados, rompia-se de vez o acordo café-com-leite. Formou-se então uma nova aliança política entre Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, chamada Aliança Liberal, que lançou a candidatura de Getúlio Dornelles Vargas e do vice João Pessoa Cavalcante de Albuquerque, o primeiro, governador do Rio Grande do Sul e o segundo, da Paraíba. Alguns políticos que aderiram à Aliança Liberal eram ex-presidentes da República, como Arthur Bernardes, Epitácio Pessoa e Venceslau Brás, outros eram governadores ou ex-governadores de Estados, como Antônio Carlos Ribeiro, Olegário Maciel, João Pessoa e o próprio Getúlio Vargas. Além destes, vamos ter militares que aderiram ao partido Aliança Liberal como Oswaldo Aranha, Pedro Ernesto, Virgílio de Melo Franco, Carlos de Lima Cavalcanti e João Neves de Fontoura, “tenentistas” que organizariam o movimento de trinta.

---

<sup>22</sup>NENUS, Karla Leonora Dahse. *Santa Catarina no caminho da Revolução de Trinta: memórias de combates (1929-1931)*. Florianópolis: DIOCEC, 2012. p. 33.

Os aliancistas eram contra a Constituição de 1891, que não sofrera nenhuma alteração desde a implantação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca. A Aliança Liberal propunha novas ideias e medidas revolucionárias para o Brasil, como a defesa por melhores condições de educação e saúde, voto secreto,<sup>23</sup> reforma agrária, direitos trabalhistas, novo lugar para o exército na vida dos brasileiros e investimento em outras áreas econômicas além do café.<sup>24</sup> Como descreve Dulce Chaves Pandolfi:

O programa propunha, além das já mencionadas reformas políticas, a anistia para os revoltosos dos anos 20 e medidas de proteção ao trabalho, como a aplicação da lei de férias e regulamentação do trabalho de menores e da mulher.<sup>25</sup>

Para o partido Aliança Liberal, este primeiro momento era um período de estratégias, calma e formação de alianças com outros Estados para ver quem iria vencer as eleições. Os dois partidos, Republicano e Liberal já ultrapassando os limites da manipulação, deixando explícito que quem venceria seria quem teria o maior poder financeiro. Os aliancistas, mesmo tendo grande apoio da população, no decorrer da disputa supunham que iriam perder a eleição, já que uma disputa limpa para Presidente da República entre Vargas e Júlio Prestes era muito difícil acontecer. Através da política dos governadores, da troca de favores, qualquer indicado do atual presidente ganharia a eleição. Assim, iniciava-se secretamente uma conspiração contra o governo central.

Um pacto secreto firmado em junho de 1929 pelo líder do partido Republicano Rio-grandense, João Neves Fontoura –que só depois avisaria Borges Medeiros e Getúlio Vargas – e o deputado José Bonifácio, líder do partido Republicano Mineiro, representando o governador de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, seria o instrumento que daria sustentação às ações que uniriam gaúchos e mineiros na arrancada inicial contra o governo de Washington Luís.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> Nesse período era normal acontecer fraudes eleitorais, já que na primeira constituição brasileira estabeleceu-se que o voto não seria secreto. Assim, era muito fácil de manipular o eleitor na votação. Pela política de troca de favores, os Estados e municípios escolhiam o seu candidato e a população votava sem contestar. Os Presidentes (atuais Governadores) e os coronéis, que tinham muito poder nos municípios, promoviam grandes fraudes eleitorais.

<sup>24</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos de 1930: as incertezas do regime. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. p. 16.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 404.

<sup>26</sup> LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 – A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova Letra, 2005. p. 21.

Esse pacto contra o governo de Washington Luís só seria levado a cabo caso o mesmo não respeitasse a vez do partido Republicano Mineiro de indicar um sucessor para a presidência, cujos nomes defendidos eram os de Borges de Medeiros e Getúlio Vargas.

A imprensa de Laguna, neste momento, estava sob grande agitação em torno da eleição presidencial. A disputa política parecia um jogo de tabuleiro, onde o Partido Republicano demonstrava ter mais vantagens. No ano de 1929 existiam dois jornais no município, *O Albor* e *A Cidade*<sup>27</sup>. Ao analisar os dois periódicos, percebe-se que ambos terão vínculos partidários ou uma grande simpatia pelo candidato do Partido Republicano. Desde a indicação de Júlio Prestes por Washington Luís, os jornais de Laguna sempre tentaram ressaltar a importância e a grandeza que o candidato tinha para o país. Isso fica claro em uma nota divulgada pelo jornal *A Cidade* no dia 14 de novembro de 1929.

Catarinenses, não deves formar nas fileiras dos que esqueceram benefícios recebidos. Paga a tua dívida de gratidão que tens para com o grande presidente Adolpho Konder, pelo muito que S. Excia. tem realizado em favor da grandeza de Santa Catarina. *Júlio Prestes - Vital Soares.*<sup>28</sup>

Em 1930, a imprensa de Laguna fazia ampla divulgação dos candidatos do Partido Republicano, com várias notas que eram disponibilizadas nos periódicos e panfletos, então distribuídos pela cidade. Nesta nota acima, percebe-se a manipulação eleitoral que ocorria no município, em favor dos candidatos Republicanos. O partido Republicano tinha muito mais dinheiro que os aliancistas, por isso faziam uma campanha muito mais divulgada, além de ter dinheiro tinham também aparelho do governo o que facilitava a divulgação, assim chegando a alcançar os municípios mais distantes; o mesmo não acontecia com os Liberais, como salienta Corrêa:<sup>29</sup> os aliancistas contavam apenas com as verbas disponibilizadas pelos gaúchos, que financiavam a eleição, assim ocasionando uma grande dificuldade na campanha presidencial para divulgar as idéias do partido e dos candidatos da Aliança Liberal.

<sup>27</sup> O dono do jornal era Godofredo Marques. Na metade de 1930 ele sai do jornal e quem assume é José Freitas, quatro anos depois ele volta novamente. O periódico conseguiu ficar em circulação até 1935.

<sup>28</sup> CATARINENSES. *A Cidade*, Laguna, 14 de novembro de 1929.

<sup>29</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 39.

Os aliancistas catarinenses não tinham muitas verbas para fazer uma boa divulgação, por isso muitos municípios não tiveram acesso as suas ideias. Quando tinham acesso, muitas vezes era através de notas pequenas, sem muita importância eleitoral ou desqualificando a Aliança Liberal. Toda essa dificuldade não ficou restrita à publicidade. A verba era escassa também para ir até os municípios do interior. Em virtude disso, a campanha eleitoral de Getúlio Vargas e João Pessoa não teve grande divulgação. Sobre os trabalhos da Aliança Liberal em Santa Catarina, Carlos Humberto Corrêa afirma que o partido encontrou grande dificuldade:

A campanha da Aliança Liberal em Santa Catarina, não possuindo a máquina para custear as despesas, que não eram poucas, bem como tendo a maior parte das vezes que pagar as notícias em jornais de pequena circulação, desgastava fisicamente seus chefes, sempre os mesmos, que também se viam na necessidade de percorrer milhares de quilômetros em más estradas. Tal não acontecia naturalmente, com a propaganda governamental, pois já encontrava uma estrutura armada nos municípios para poder continuar o antigo sistema eleitoral, apoiado nos Prefeitos, juizes e outras autoridades estaduais e dos municípios.<sup>30</sup>

Nereu Ramos escreveu para Oswaldo Aranha narrando como estavam os preparativos para a campanha de eleição do partido Aliança Liberal no Estado de Santa Catarina. Na carta ele conta que os periódicos que circulavam nos municípios faziam mais campanha para o candidato indicado pelo Presidente da República do que para seu opositor. Os aliancistas não tinham um jornal oficial ou aliado, como os republicanos. Só contavam com os periódicos que se diziam independentes, mesmo assim tendo que pagar para que os defendessem. Os jornais geralmente veiculavam notícias sobre os comícios e as caravanas que ocorreriam nos municípios.<sup>31</sup>

Mesmo com todas as dificuldades, o processo eleitoral foi muito disputado entre os dois candidatos à presidência. Como já foi dito, Vargas conseguiu conquistar grande simpatia da população, mas isto não foi suficiente para vencer o indicado de Washington Luís. Quando ocorreram as eleições, em 1º de março de 1930, o candidato Republicano Júlio Prestes ganhou a disputa eleitoral. Desde a apuração das urnas, o país ficou numa agitação total. Tenentistas e representantes de alguns Estados não conseguiam aceitar a derrota, revoltados com o resultado da

---

<sup>30</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 42.

<sup>31</sup> Sobre a carta de Oswaldo Aranha ver: LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 – A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova Letra, 2005.

eleição que, para eles, havia sido fraudada. Continuavam suas reivindicações de mudanças políticas e econômicas.

O governador mineiro, Antônio Carlos, renunciou ao cargo de uma vez por todas, anunciando assim o início das conspirações contra o governo central. Antes de ocorrerem as eleições, o jornal de Laguna *A cidade* havia publicado matérias criticando severamente Antônio Carlos, acusando-o de ser o causador da separação e dos conflitos entre os estados que ocasionou o caos político no Brasil.

Mas a pretensão do Sr. Antônio Carlos de querer ser imposto para aquela alta posição veio mostrar às claras do quanto é capaz a ambição política da nossa gente a ponto de provocar uma tremenda crise nacional para não perder a oportunidade de fazer uma escandalosa fita diante da opinião pública.<sup>32</sup>

O país passava por um momento muito delicado: governadores renunciando, conferências secretas, conspirações no ar. Toda essa tensão deixava o Brasil parecendo um barril de pólvora, pronto para explodir a qualquer momento. Os tenentes não queriam perder a grande oportunidade de tomar o poder e foram os organizadores do movimento que resultou na tão conhecida “Revolução de 30”, a qual colocou Getúlio Vargas no poder. Segundo Valmir Lemos, no livro “Tombados e Esquecidos”, os preparativos para a revolução já vinham acontecendo bem antes do resultado da eleição. O Sul já estava se organizando, a derrota na eleição foi apenas a primeira etapa para o movimento.<sup>33</sup>

Os aliancistas já supunham que iriam perder a disputa. Como mencionado, naquele tempo ocorriam muitas fraudes eleitorais, já que o voto não era secreto. Percebe-se isto ao examinar as fontes e a historiografia, que trazem diversos resultados da eleição.<sup>34</sup> No caso dos periódicos de Laguna, *A Cidade* publicou que, a nível nacional, Júlio Prestes recebera 1.003.950 votos e Getúlio Vargas 625.000 votos. Em Santa Catarina, o resultado teria sido de 34.000 votos

<sup>32</sup> MOVIMENTO político. *A Cidade*. Laguna, 19 setembro de 29.

<sup>33</sup> LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005, p. 20.

<sup>34</sup> Em relação a historiografia sobre o resultado da eleição ver: FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. p. 387- 411. CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 316. NUNES, Karla Leonora Dahse. *Santa Catarina no caminho da Revolução de trinta: memórias de combate (1929-1931)*.

para o primeiro e 7.000 para o segundo.<sup>35</sup> Observa-se que os resultados divulgados são questionáveis.

Depois da eleição, em todos os Estados do país o clima era de grande tensão. Os generais fiéis ao Governo Federal estavam em alerta constante, suspeitando que os aliancistas estivessem articulando silenciosamente um movimento contra o governo. A população estava muito agitada com todos esses acontecimentos. O general Gil de Almeida, comandante da 3ª Região Militar, suspeitava que o estado do Rio Grande do Sul iria iniciar um movimento revolucionário, e preocupado pediu explicações a Getúlio Vargas e Borges de Medeiros, que imediatamente comunicaram-no que nada estava sendo organizado.<sup>36</sup> Segundo Lemos, Borges de Medeiros em entrevista afirmou que o estado do Rio Grande do Sul não iria se opor ao resultado das eleições, respeitando a vontade do povo.

Como nunca antes o povo do Rio Grande do Sul não tomará nenhuma posição que perturbe a ordem do país. Posso dizer isso não só em meu nome como chefe do principal partido político, mas também em nome do governador, Getúlio Vargas, e todos os secretários de Estado. Eu afirmo que o Rio Grande do Sul manterá a ordem e a paz, fiel à sua tradição de respeito aos poderes constituídos. Não vejo, de modo algum, uma solução dos males existentes, se é que existem, na aplicação de um mal ainda maior, tal como revolução.<sup>37</sup>

Por outro lado, o secretário Oswaldo Aranha demonstrava grande insatisfação com o resultado das urnas e não aceitava a derrota. Assim, tentava iniciar o movimento revolucionário. Minas Gerais e Paraíba apoiavam o mesmo, que conseguiu fazer um esboço de como seria o movimento no país. No plano, ele ficaria no comando das tropas no Rio Grande, João Pessoa na Paraíba, Antônio Carlos em Minas Gerais e Juarez Nascimento com os demais militares simpatizantes do movimento na região Nordeste.

As autoridades do governo percebiam todas essas movimentações e aguardavam apreensivas uma oportunidade para atacar as forças rebeldes que se organizavam pelo país. O clima de tensão só crescia.

---

<sup>35</sup> *Resultado Geral das eleições, conhecido até 7, às 12 horas, conforme dados fidedignos. A cidade. Laguna, 9 de maio de 1930.*

<sup>36</sup> Ver LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionaria sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005. p. 25.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 25.

Nesse momento nos primeiros meses da década de 30, o município de Laguna já tinha três periódicos: *O Albor*, *A cidade* e *A gazeta*<sup>38</sup>. No dia três de agosto de 1930, o jornal *A gazeta*, informou sobre a morte do governador da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti, narrando o episódio e ressaltando a importância e grandeza do político.<sup>39</sup> Na *A cidade* também havia notícia da morte, porém sem exaltação.

Foi no dia 26 do corrente. Seria as 5 e 20 da tarde. Achava-se Dr. João Pessoa na confeitaria Glória, em Recife, em companhia de alguns amigos. O Dr. João Duarte Dantas, político paraibano, entra na dita confeitaria. Ao defronta-se com o Dr. João Pessoa, saca de um revólver e desfecha vários tiros contra o presidente paraibano, matando-o instantaneamente. O chauffeur do Dr. João Pessoa tenta defendê-lo, sem resultado. Apenas consegue ferir o agressor. Segundo se sabe, os Drs. João Pessoa e João Duarte Dante eram inimigos atroztes.<sup>40</sup>

Depois deste episódio, agravava-se cada vez mais o clima de tensão no país. Os aliancistas usaram esse acontecimento a seu favor para dar mais força ao movimento revolucionário. No mês setembro, Oswaldo Aranha já havia conseguido vários aliados para iniciar o conflito.<sup>41</sup> Um documento secreto foi entregue a Getúlio Vargas, para que avaliasse a situação e o nível de apoio que o movimento recebia do norte e do sul, para derrubar o governo central. Oswaldo Aranha tinha tudo planejado, compreendia que os revolucionários deveriam ter um exército muito maior do que o do governo federal para conseguir vencê-lo, e já contavam com o apoio do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Santa Catarina.

No estado catarinense as notícias eram ótimas, devido à simpatia que muitos tinham pela Aliança Liberal. Como informa Lemos, “a situação de Santa Catarina é boa. Não há forças militares. Os elementos civis, entretanto, são nossos em sua grande maioria e estão organizados para a ação, articulando conosco”.<sup>42</sup> Nas regiões Sul e Oeste, os aliancistas conseguiram grande apoio ao movimento. No Paraná a situação também era favorável. Estava tudo pronto para o movimento, o único impasse seria decidir a data para seu início.

<sup>38</sup> O dono do jornal era Orestes Munhoz, o mesmo ficou em circulação até 1931.

<sup>39</sup> O assassinato do Dr. João Pessoa. *A Gazeta*. Laguna, 3 de agosto de 1930.

<sup>40</sup> LAMENTÁVEL ocorrência em Recife: O assassinato do Dr. João Pessoa. *A cidade*. Laguna, 2 de agosto de 1930.

<sup>41</sup> LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005. p. 28.

<sup>42</sup> *Ibid.*, 29.

Nas duas primeiras tentativas, em fins de agosto e início de setembro, o governo federal, bem informado, precaveu-se e o movimento foi adiado. Depois de varias discussões a data final estava para o dia 3 de outubro de 1930, às 17horas 30 minutos. Na noite anterior, Getúlio Vargas escreveu um manifesto e entregou para que fosse lido por Oswaldo Aranha. O documento continha emocionadas palavras: “Rio Grande, de pé, pelo Brasil! Não poderás falhar ao teu destino heroico”.<sup>43</sup> Contrariando as expectativas daqueles que não acreditavam em uma nova ofensiva após os fracassos precedentes, “a revolução se fez de acordo com os planos anteriormente em todo o país e antes de terminar a noite de 3 de outubro todo o Estado do Rio Grande do Sul estava nas mãos dos revolucionários”.<sup>44</sup> Finalmente havia começado o movimento, as ordens estavam dadas, a partida difundida, o entusiasmo e a força lançados.

Em Santa Catarina, o avanço das tropas gaúchas seria pela região Oeste. Fidêncio Mello ficara encarregado da invasão. No litoral Sul do estado, a chefia da invasão ficou com o militar Trifino Corrêa que saiu de Torres/RS com alguns homens armados e seguiu para Araranguá/SC, onde não encontrou resistência, já que a maioria dos habitantes já tinha aderido ao partido da Aliança Liberal.

Compunham a inicialmente a Coluna, o chefe militar Trifino Corrêa, Ernesto Lacombe, Ary Santana Guimarães, Romário Fernandes, Ernesto Lacombe Filho, o jornalista Antunes Almeida e três motoristas. No dia seguinte Ernesto Lacombe entrou em contato com Fontoura Borges do Amaral, de Araranguá, e Pompílio Pereira Bento, de Laguna, e avisou-os de que dia três. Às 17 horas, no mesmo horário, portanto do início da Revolução em Porto Alegre, entrariam em Araranguá. Pediu-lhes que reunissem um grupo de amigos para auxiliarem na ocupação da cidade.<sup>45</sup>

Fontoura Borges, com mais 25 homens recebeu os revolucionários, junto com ele estavam Pompílio Bento e Pacífico Nunes. Depois da recepção, Trifino Corrêa e Ernesto Lacombe entraram em Araranguá às 18 horas sem qualquer oposição. Chegando à vila os ânimos dos revolucionários foram exaltados, já que Fontoura Borges prometeu em três dias conseguir 100 homens para a revolução.

<sup>43</sup> LEMOS, 2005 apud FRANCO, p. 229.

<sup>44</sup> LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionaria sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005. p.32.

<sup>45</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 53.

Mesmo assim, Trifino Corrêa preocupava-se com os recursos que tinha à disposição.<sup>46</sup> Depois de Araranguá, seguiram para Criciúma, Urussanga e Tubarão.

No dia seguinte à tomada de Araranguá a Coluna ocupou Criciúma e Urussanga, onde foram apreendidos algumas ramas da Força Pública catarinense e aprisionado o comandante do destacamento local e outros militares. De Urussanga, continuam a marcha por via férrea e chegaram a Tubarão, onde o Prefeito local já esperava para entregar a cidade.<sup>47</sup>

Segundo o historiador Carlos Humberto Corrêa, Ernesto Lacombe teria feito várias críticas a Trifino Corrêa, coronel que iniciou no comando das tropas para invadir o Sul. Para ele, a primeira cidade a ser dominada deveria ser Laguna, e depois Imbituba, pois assim os revolucionários poderiam utilizar os portos das mesmas, o que ajudaria muito os aliados aliancistas.<sup>48</sup>

No dia 12 de outubro, em Laguna, o jornal *A Cidade* anunciaria “a ocupação de Laguna pelas forças revolucionárias”. As notícias salientavam que os revolucionários já tinham entrado desde o dia 06 na cidade que ansiosa os aguardava, que muitas cidades do Sul teriam sido dominadas, e que a população estava apreensiva, com medo de ter violência, mas muitos homens “respeitados” tinham aderido ao movimento.<sup>49</sup>

O coronel Fontoura Borges fez um discurso em frente à prefeitura, acalmando a população. O comando da cidade ficou com Gil Ungaretti, nomeado por Ernesto Lacombe, que mediante acordo prévio detinha o título de Governador Provisório do Sul de Santa Catarina.<sup>50</sup> Lacombe assinou três decretos, todos eles publicados pela imprensa. O Decreto nº 1 destituiu Imbituba da condição de município e a reintegrou à Laguna.<sup>51</sup> O Decreto nº 2 estabeleceu a emancipação política de Jaguaruna, separando-a de Laguna.<sup>52</sup> O Decreto nº 3 nomeou os prefeitos de Araranguá – Fontoura Borges, de Criciúma – Cincinato Naspolini, de Urussanga – Lucas BezBatti, de Jaguaruna – Bernardo Schimitz, de Tubarão –

<sup>46</sup> Em relação ao início das invasões no Sul Catarinense ver: LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005.p. 66-67.

<sup>47</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 53.

<sup>48</sup> Ibid., p. 54.

<sup>49</sup> Jornal *A Cidade*, 12 outubro 1930.

<sup>50</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 53.

<sup>51</sup> A ocupação de Laguna pelas forças revolucionárias. *A Cidade*. Laguna, 12 de outubro 30

<sup>52</sup> Ibid.

Sylvino Moreira Lima, de Orleans – Galdino Guedes, de Laguna – Gil Ungaretti, e de Imaruí – Pedro Bittencourt.<sup>53</sup>

No momento que o Sul estava sendo ocupado pelos revolucionários, o Presidente da República, Washington Luís, comunicou ao congresso que as cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre tinham iniciado um levante. Os militares do governo não conseguiram sufocar os movimentos, já que muitos foram cooptados, passando para o lado dos revolucionários. Um requerimento também foi enviado ao Congresso Nacional para que Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Rio de Janeiro e o Distrito Federal fossem declarados em Estado de Sítio.<sup>54</sup> Enquanto isso, o Presidente de Santa Catarina, fiel ao governo, tentava articular uma maneira de impedir o domínio do Estado pelos revolucionários, mas não tendo muita força, principalmente no Oeste, a capital do estado também fora conquistada. Depois de quase um mês de luta e vários antagonismos entre os dois lados, no dia 24 de outubro de 1930, no Rio de Janeiro, Washington Luís foi deposto por Tasso Fragoso, Mena Barreto, Leite de Castro e o Almirante Isaías Noronha, que compuseram uma Junta Provisória de Governo.<sup>55</sup>

No início da década de 1930, Laguna tinha quatro periódicos: *O Albor*, *A Cidade*, *A gazeta* e *A Razão*. Como já foi mencionado antes, *O Albor* e *A Cidade*, eram vinculados ao Partido Republicano, sempre valorizando e ressaltando sua grandeza. Mas depois de começado o movimento, quando os aliancistas tomaram o poder, os dois periódicos começam a mudar seu discurso. Percebe-se isso nas matérias que narram acontecimentos do movimento. As publicações valorizam os fatos, afirmando que essa mudança foi muito boa para país e que seus participantes eram homens honrados. No dia 09 de novembro de 1930, *O Albor* publicou uma matéria com o título de “A Revolução”:

O extraordinário movimento revolucionário que na tarde de 3 de outubro próximo passado irrompeu nos estados do Rio grande do Sul, Minas Gerias e Paraíba contra o Governo federal, terminou vitorioso na dia 24 daquele

<sup>53</sup> A ocupação de Laguna pelas forças revolucionarias. *A Cidade*. Laguna, 12 de outubro 30

<sup>54</sup> LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionaria sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005. p. 85.

<sup>55</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da Republica á Revolução 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. p. 407.

mesmo mês, sem que, felizmente, fosse preciso haver grande derramamento de sangue.<sup>56</sup>

No decorrer, o texto salienta que o povo estava ao lado dos revolucionários, que aguardava as mudanças, e que mesmo tendo iniciado de surpresa, o movimento foi comemorado com muito entusiasmo pela população. Essa matéria mostra como os periódicos mudam de lado rapidamente, sempre tentando beneficiar a si mesmos. *O Albor* procurou justificar sua postura ao dizer que “apesar de ligados ao governo, [...] nunca, porém, chegamos ao ponto de tecermos elogios descabidos a todo e qualquer ato emanado da sua má orientação que viesse afetar a dignidade e a honra do povo e da nação”.<sup>57</sup> Entretanto, este discurso não é verídico, pois quando se analisa as edições publicadas no decorrer da eleição, percebe-se que as mesmas teceram grandes elogios ao Partido Republicano. Mas agora começam a mudar de lado.

*O jornal A cidade*, neste primeiro momento, fez um discurso favorável ao movimento, assim como *O Albor*. A matéria que tem o título igual ao da anterior, “A revolução”, inicia com a seguinte frase: “Os povos livres e felizes não se revoltam”. A partir daí, já dá para perceber como foi escrita e de que lado estava. Seu texto fala que, de sul a norte do país, havia iniciado uma guerra civil onde milhares de brasileiros tinham pegado em armas para libertar o Brasil, tornando este o maior movimento revolucionário que se tem registrado na história nacional. Afirma ainda não ser possível que “o Exército Brasileiro defenda um governo que o povo odeia de morte”, e não teria cabimento que “a Marinha consinta e sacrifica-se por uma causa ingrata, que conta, unicamente, com a repulsa popular”.<sup>58</sup> Segundo a matéria, contra governos não dignos o povo se revolta, e esse movimento não se tratava de militares ambiciosos e sim de causas justas e honrosas. Sendo assim:

Laguna, a lendária terra Juliana de a quase um século, não podia ficar surda ao apelo das forças revolucionárias. Sendo inacreditável a impossibilidade desse nobre povo ante o movimento reivindicador da liberdade. [...] Honra a essa mocidade briosa! Glória a esses rapazes valentes que pegaram em armas pelas causas sagradas do Brasil.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> Ibid., 408.

<sup>57</sup> A revolução. *O Albor*. Laguna, 9 novembro de 1930.

<sup>58</sup> Ibid.

<sup>59</sup> A revolução. *O Albor*. Laguna, 9 novembro de 1930.

Ao analisar os jornais em 1929, no início das eleições, percebe-se como esses dois jornais tinham vínculos muito fortes com o Partido Republicano, o sempre defendiam com muito fervor. Quando estourou o movimento revolucionário, o partido Republicano deixou de ser honesto e digno para os periódicos. Agora os dignos e honestos eram os aliancistas, que até pouco tempo era atacados pelos jornais.

Depois de todas as agitações em torno do movimento revolucionário, Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República. Logo no início do seu governo, realizará várias mudanças, nomeando para cargos importantes alguns militares, políticos e homens influentes que articularam o movimento. Já os que não aderiram à Aliança Liberal, foram presos ou exilados, caso de Washington Luís e Júlio Prestes. Em Santa Catarina, o General Ptolomeu de Assis Brasil foi escolhido para assumir o governo civil e militar do Estado. O periódico *O Albor*, publicou uma relação de nomes de militares que participaram do movimento e foram indicados para os cargos de confiança.

*Governo da Republica.* A 3 do corrente, assumiu o Governo da República, como ditador o exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, ex-presidente do Rio Grande do Sul, em cujo cargo demonstrou a sua capacidade de trabalho, inteligência e diplomacia. O ministério de s. ex. ficou assim constituído: Justiça Dr. Oswaldo Aranha- Fazenda Dr. José Maria Whitaxher- Exterior Dr. Afranio Mello Franco- Viação General Juarez Tavora- Agricultura Dr. Assis Brasil- Guerra General Leite de Castro- Marinha Almirante Isaias Noronha- Chefe de policia –Dr. Batista Lizardo- Prefeito Dr. Adolpho Bergamini.<sup>60</sup>

Em Laguna como já foi exposto, Gil Ungaretti assumiu o comando do município e Imbituba através de decreto voltava a ser distrito de Laguna. Cabe explicar que Imbituba havia se emancipado de Laguna em 1923 por uma articulação do empresário Henrique Lage. Este empresário, que tinha vários negócios em Imbituba, apoiou nas eleições presidências o candidato Julio Prestes e também foi contrário ao movimento que colocou Vargas no poder. Com a vitória do movimento, as forças aliancistas de Laguna conseguiram fazer com que Imbituba voltasse a fazer parte do município, estava em jogo o controle do porto. Neste contexto havia uma disputa entre o porto de Laguna e o de Imbituba para ver quem escoaria o

---

<sup>60</sup> O governo da República. *O Albor*. Laguna, 9 de novembro de 1930.

carvão da região. A vitória do movimento fez prevalecer os interesses políticos e econômicos de Laguna.

Depois de Gil Ungaretti assumiu a interventoria de Laguna em 1933, Giocondo Tasso foi indicado para o comando do município e permanecendo no cargo até o final da era Vargas. As disputas políticas que se processaram no pós-30 em Laguna e a força política de Giocondo Tasso serão analisadas no capítulo seguinte.

### **3 HEGEMONIA DOS LIBERAIS E DE GIOCONDO TASSO NA POLÍTICA DE LAGUNA NA DÉCA DA DE 1930**

No dia 14 de janeiro de 1932,<sup>61</sup> em Laguna, o periódico *A Razão*<sup>62</sup> Órgão do Partido Liberal Lagunense publicou uma matéria intitulada “O partido Liberal e um dia de gloria para Laguna: O grande comício do povo lagunense em honra a Caravana... O congresso do Partido”. A matéria descrevia um evento que foi realizado em Laguna. No mesmo estavam presentes Nereu Ramos – chefe do partido Liberal-, Coronel Ernesto Lacombe, Antônio Batista, Coronel Aristiniano Ramos, Dr. Arão Rabello, Pedro Buss, Jacob Schimith, Coronel Fontoura Borges, Capitão Pompílio Bento, entre outras pessoas. Todos esses políticos e adeptos ao Partido Liberal estavam presentes para o grande congresso que se realizaria no dia 7 de setembro de 1932 no município de Laguna. Como era habitual, a caravana vinda de Florianópolis fora recebida na entrada do município com muita festividade e importância sendo guiados até o Hotel Paraíso. Ao início do congresso, Nereu Ramos faz belíssimo discurso como salienta o periódico.

Nesta reunião de tão marcada expressão cívica, que de tal relevo político e social não assistiu jamais, a legendaria terra lagunense, irradia a consciência do sul do Estado, no fascínio do seu prestígio, na eclosão dos seus dos seus altos propósitos coletivos, na exuberância feraz dos seus sentimentos liberais.<sup>63</sup>

<sup>61</sup>O partido Liberal e um dia de gloria para Laguna: O grande comício do povo lagunense em honra a Caravana... O congresso do Partido. *A Razão*. Laguna, 24 de janeiro de 1932.

<sup>62</sup> O dono do jornal era Orestes Nunhoz, conseguiu ficar em circulação ate 1935.

<sup>63</sup> Ibid.

Ao longo de seu discurso, Nereu Ramos vai descrever toda a importância, que o Partido Liberal tem e suas conquistas, no pós-movimento de 30. “Força partidária vitoriosa, sim porque não somos apenas a lídima expressão do pensamento, revolucionário e liberal (...)”.<sup>64</sup> Assim ele termina seu discurso dizendo que o movimento revolucionário libertou os brasileiros e os levou a democracia, com direitos, e igualdades para todos, acrescenta ainda que agora todos estavam livres das fraudes e das injustiças.

Diante da realização do congresso, podem-se fazer algumas considerações. Por que esse congresso foi realizado no município de Laguna? E não em outro município? Por que o município de Laguna é ressaltado com muita grandeza e importância para o Sul Catarinense?

A escolha do município de Laguna, pela chefia do Partido Liberal para sediar o congresso vem afirmar a sua grandeza do município para a região Sul Catarinense. Mas, por que Laguna era tão importante? Para poder entender toda essa importância é necessário que se volte ao início da sua colonização e da pós-colonização. Sobre a memória histórica de Laguna, podem-se buscar informações na historiografia local e regional, já que existem inúmeras obras que ressaltam e afirmam o seu prestígio. Desse modo evocam-se alguns estudos de Ruben Ulysséa, João Henrique Zanelatto, Oswaldo Rodrigues Cabral, João Leonir Dall’Alba e João Batista Bitencourt.

Com esses inúmeros estudos pode-se entender a criação do município, e como este se tornou uma cidade-pólo, dominada pelo poder dos luso-brasileiros. A partir dessas obras faz-se uma breve descrição da formação e importância de Laguna.

Laguna foi fundada por Domingos de Brito Peixoto que era vicentista, casado com Ana Guerra, que era de uma família ilustre de São Paulo, teve três filhos, Francisco, Sebastião e Maria Brito e Silva. O seu primeiro filho Francisco herdou toda a sua convicção e tradição, sempre leal ao seu pai, era muito corajoso<sup>65</sup>, depois que seu pai veio faltar, continuou os seus trabalhos, “a Coroa quando se viu na necessidade de promover um maior desenvolvimento das fundações litorâneas, para colocá-lo como capitão de Laguna”<sup>66</sup>. O segundo

---

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: OIESC, 1939. p. 26.

<sup>66</sup> Ibid., p. 27.

Sebastião de Brito Guerra “que também acompanhou o pai na bandeira e que, ao tempo, era tenente das ordenanças em Santos. E por último a sua filha Maria Brito e Silva que foi casada com o capitão-mor de São Vicente”<sup>67</sup>.

Na colonização de Laguna, “coube o convite a Domingos de Brito Peixoto e a seus filho, que em Santos possuíam fortuna considerável”<sup>68</sup>.

O capitão Vicentino arma, à sua própria custa, uma expedição, e em 1684 acompanhado dos seus filhos Francisco Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, vem atingir a antiga Laguna dos Patos onde, depois de rechaçar o gentio, lança os fundamentos da sua povoação, a que denomino Santo Antonio dos Anjos da Laguna. Era a terceira povoação que surgiu na costa Catarinense, delimitando as conquistas lusas na sua firme progressão para o sul.<sup>69</sup>

Não tendo ainda uma data precisa da colonização de Laguna, já que Brito Peixoto junto com os seus filhos tentou duas vezes colonizar a região. Na primeira tentativa vindo a fracassar e na segunda expedição, encontrando sucesso, conseguiu chegar a Laguna com a sua família. Segundo Cabral, essa segunda tentativa foi dividida em duas comitivas uma por terra e outra por mar<sup>70</sup>.

Domingos de Brito Peixoto morreu no século XVIII. Seu filho Sebastião morreu no sertão, o seu outro filho Francisco, voltou para São Vicente, e nesse momento Laguna já contava com 50 casas de “bancos”, como salienta o autor, onde eles pescavam plantavam, e até exportavam para Santos e Rio de Janeiro, o pequeno povoado de Laguna era nesse momento o mais importante da costa catarinense.

Em 1714, o governador D. Francisco de Távora, elevou Laguna a categoria de vila. No ano seguinte um dos fundadores Francisco Brito Peixoto, voltou para vila, com o objetivo de conquistar o Rio Grande. Gonçalves de Aguiar numa visita a Laguna disse, que laguna era o melhor território de morara, nele tinha minas de prata e ouro, tinha um abundante rebanho de gado, pescado, madeira, o clima era excelente e ainda tinha o Rio grande.<sup>71</sup>

Quando Brito Peixoto voltou para Laguna, com 40 homens e mais escravos, ele escreveu uma carta para os padres espanhóis, para que eles não

<sup>67</sup> Ibid., p. 30.

<sup>68</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: OIESC, 1939. p. 24.

<sup>69</sup> ULYSSÉA, Ruben. *Laguna: memória histórica*. Brasília: Letra Ativa, 2004. p. 61.

<sup>70</sup> Ibid., p. 32.

<sup>71</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1970. p. 40-41.

façam fundações no Rio grande, porque a coroa de Portugal tinha interesse pelo território.

Brito Peixoto, juntamente com os lagunistas, organizara expedições e conquistara para a coroa portuguesa os campos do Rio Grade de São Pedro. Em busca das minas de prata – que não encontraram-, foram abertos os primeiros caminhos nas regiões encontrado nos campos imensos o gado selvagem fugido das reduções jesuítas, tendo início a fixação dos lagunistas “nos campos de Viamão, e, em especial, parentes de Brito Peixoto..., que vão se tornar os primeiros ‘estancieiros’ gaúchos”, a partir do recebimento das sesmarias.<sup>72</sup>

A partir dessa breve descrição, percebesse que Laguna na historiográfica, é representada como fundadora do Rio Grande do Sul, mais do que isso, ela e vista como defensora do Sul Catarinense. “Assim, durante o século XVIII, a Vila de Laguna exerceu importante, papel estratégico na defesa do território sul-riograndense, dada sua posição geográfica relativamente protegida e seu porto.”<sup>73</sup>

Nesse primeiro momento, Laguna tem toda uma grandeza no âmbito nacional, já que seu porto era o único na região, ou seja, todas as mercadorias, pessoas desembarcavam no seu porto. Laguna também exercia uma atividade interna muito lucrativa na exportação. “Eram exportados peixe seco, trigo, farinha e cochonilha, produzida na economia local, e carne salgada, couros e queijos do planalto”.<sup>74</sup>

Assim exercia um importante papel no âmbito nacional, com o seu porto e a fundação do Rio Grande. Quando ocorreu a Revolução Farroupilha, o que não era de se esperar, Laguna participou ativamente do movimento. Também foi palco de inúmeros combates entre os revolucionários e as tropas do governo regencial, os revolucionários conseguiram dominar Laguna e, instalaram a República Juliana, mas, depois que os revolucionários foram expulsos de Laguna, a mesma acabou perdendo o seu prestígio nacionalmente.

Porém mesmo perdendo a sua importância, não perdeu o título de cidade-pólo da região, já que é partir da sua fundação, que o município de Tubarão e Araranguá foram fundados. Assim, Laguna ainda mantinha sua relevância no âmbito regional, pois por seu porto passavam vários produtos e pessoas, com “mais de 200

<sup>72</sup> ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 111.

<sup>73</sup> ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 111.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 112.

casas comerciais, Laguna era o município-pólo no Sul Catarinense”.<sup>75</sup> A partir desse momento formou-se o domínio da elite dos luso-brasileiros.

Através de todos esses dados percebe-se que Laguna desde a sua fundação no século XVII até a década de 1930, foi a cidade-pólo da região. Pode ter perdido a sua importância nacional, mas continuou tendo importância regional. Percebe-se também que as famílias luso-brasileiros vão ter grande influência na política no município. Compreende-se agora por que Laguna era tão importante na década de 1930.

### 3.1 LAGUNA NO PÓS-30: DA DISSIDÊNCIA LIBERAL A ASCENSÃO DE GIOCONDO TASSO AO PODER MUNICIPAL

O movimento de 30 provocou profundas mudanças nas forças políticas que predominavam no município de Laguna. No pós-movimento surgiram novos partidos, novos periódicos, novas forças políticas. Todas essas mudanças foram muito significativas na vida dos habitantes lagunenses, ocasionando mudanças nos padrões vividos. Começando com os cargos de superintendência onde foram indicados descendentes de imigrantes<sup>76</sup>, mesmo tendo um grande predomínio de luso-brasileiros no município.

No capítulo anterior, foi mostrado que Laguna no final da década de 20 só tinha dois periódicos e no início da década de 30 já tinha três. No pós-30 vão surgir novos jornais com características semelhantes aos periódicos anteriores, ou seja, com vinculação partidária, sempre atacando os seus adversários e ressaltando a importância do seu vínculo. Esse novo cenário político contribuiu para a hegemonia do Partido Aliança Liberal, ou seja, agora Partido Liberal.

Evocou-se no início do capítulo uma matéria falando de um congresso realizado em Laguna. Dos oito municípios que existiam no Sul Catarinense na década de 1930, Laguna foi escolhida por ser o município-pólo da região, desde a sua fundação, Laguna vinha se firmando, como a cidade mais importante do Sul, primeiro para âmbito nacional depois para âmbito regional, como já foi salientado.

---

<sup>75</sup>ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 115.

<sup>76</sup> Ver ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 226.

Nesse momento, Laguna era um município de muita grandeza no âmbito regional, pois, todas as suas atividades econômicas estavam vinculadas no seu porto. Depois do movimento de 30, todo esse prestígio ficou muito evidenciada. Primeiro com o Governador Provisório do Sul Catarinense Ernesto Lacombe que realizou um decreto onde Imbituba perdeu a sua condição de município, ou seja, agora voltava a ser distrito de Laguna. Em virtude deste decreto, Laguna voltou a controlar dois portos no seu território, no porto “escoava-se a produção da região, transportavam-se pessoas e chegavam notícias dos grandes centros”,<sup>77</sup> nesse período Laguna tinha uma grande importância, dos oito municípios, Laguna era o com maior concentração de periódicos, de população urbana e de produtos.

No que tange o setor econômico, percebe-se que Laguna passou por uma grande mudança. E no setor sociopolítico não iria ser diferente, isso ocasionava profundas modificações e diversos antagonismos. Nos primeiros anos do Governo Provisório de Vargas, a política passou por grandes conturbações, foram inúmeras indicações para o cargo de Prefeito do município.<sup>78</sup> Quando Ernesto Lacombe junto com os revolucionários invadiu Laguna, ele fez três decretos,<sup>79</sup> e no último decreto nomeou os prefeitos dos oito municípios. Para Laguna foi indicado Gil Ungaretti, que esteve em um curto período na chefia do município.

Depois da vitória do movimento de 30, Gil Ungaretti foi substituído por José Fernandes Martins, a chefia de Martins foi muito mais longa do que a de Ungaretti, ficou no poder do município até 28 de outubro de 1932 quando veio a falecer.

Antigo político, com duas passagens pela Assembléia Legislativa na primeira década do século (1904-1906 e 1907-1909) e uma pela prefeitura no século XIX (1893), José Fernandes Martins chegou a administração municipal pela indicação do interventor Ptolomeu de Assis Brasil.<sup>80</sup>

Logo após a morte do prefeito José Fernandes Martins, quem veio a assumir a chefia do município, foi Antônio Batista da Silva, que ficou no governo por seis meses, até maio de 1933 quando pediu demissão. Depois dele, assumiu a

<sup>77</sup> ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 417.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 241.

<sup>79</sup> Já foi descrito no capítulo anterior.

<sup>80</sup> Ver BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. p. 144.

chefia do município Giocondo Tasso, e seu governo foi o mais longo de todos, ele conseguiu permanecer no poder até 1945.<sup>81</sup>

A história política de Laguna na década de 30 foi marcada por vários conflitos e disputas pelo poder, muitas dessas disputas eram relatados nos periódicos e nos panfletos. Os grupos adversários atacavam-se, o público alvo era a população que ficava no meio de tudo sem saber para que lado deveria ir, cada grupo queria fazer uma campanha melhor, conseguir mais adeptos. Por isso falavam mal, mentiam, denunciavam, tudo isso para sujar a imagem do seu adversário, o importante era conseguir o poder político do município.

Nesse período com já exposto os partidos e grupos utilizavam-se de panfletos na disputa pelo poder político em Laguna. Exemplo disto foram os panfletos intitulados: “Dissidência Liberal de Laguna” e outro com “Partido Liberal de Laguna” Com esses três panfletos, que foram distribuídos para os eleitores percebe-se bem a disputa eleitoral e a manipulação partidárias que ocorriam em Laguna.

O primeiro panfleto com o título “Dissidência Liberal de Laguna”, é um texto voltado para o leitor, para ele votar com consciência e sem medo. Inicia descrevendo que é um panfleto de consulta, voltado para os funcionários públicos, para ver se eles conseguiram entender todas as reivindicações e propostas da Aliança Liberal e do movimento de 30. O texto deixa muito claro e salienta em várias partes que agora todos poderiam votar sem medo de ser perseguidos, por manifestar a sua opinião, já que o voto seria secreto e ninguém saberia em quem seria escolhido na votação.<sup>82</sup> O voto agora passaria a ser secreto, ou seja, as pessoas não seriam mais “abrigo de qualquer vingança. Ninguém, pois, poderia ser demitido ou removido porque deixou de votar no candidato do chefe político”.<sup>83</sup>

Afirma que todos os membros do Partido Dissidência eram honestos e prezavam a liberdade e igualdade de expressão, respeitando a vontade do povo, mostrando como a população iria ganhar com eles no poder do município. Ressaltando todas as coisas que o partido iria realizar se ganhasse as eleições. Primeiro o panfleto vai abordar todos os problemas que tem no município e que ainda não foram solucionados, depois aponta para a solução e o que eles iriam realizar, como: o sistema de canalização da água, o esgoto, na área da saúde e na

---

<sup>81</sup> Ibid., p. 144.

<sup>82</sup> No capítulo anterior, foi descrito como ocorria a voto, antes do movimento de 30.

<sup>83</sup> Panfleto “Dissidência Liberal de Laguna”.

comunicação. A chamada Dissidência Liberal de Laguna era composta por Aurélio Rotolo Chefe do partido e médico do município; pelo dentista Gil Ungareti; pelos exportadores Eusébio Nunes Netto e Giocondo Tasso; pelos negociantes Antonio Paulo da Silva e Oswaldo Poeta e por Manoel Guedes Queiroz que era representante comercial. O texto finda da seguinte forma: “Consciência das próprias responsabilidades, os membros do novo diretório, confiam que a grande maioria do eleitorado não lhe negará seu voto, contribuindo assim para que seja iniciada em Laguna uma nova era de paz, de concórdia, de progresso”.<sup>84</sup>

O segundo panfleto do Partido Dissidência, não terá só um caráter de conscientização do leitor, será mais um ataque ao candidato opositor do partido, o título é “Ao Eleitorado”. Iniciava com o mesmo discurso do primeiro, para o eleitorado votar com consciência e sem medo, descreve um depoimento do chefe do Partido Liberal Catarinense, Nereu Ramos, onde ele salienta e “garante para todos a maior liberdade e declarou que não permitirá que sejam praticadas vinganças por motivos políticos”.<sup>85</sup> O texto ainda dizia que o leitor tem que votar com consciência e, se votar no Antônio Batista da Silva que era atual perfeito, era mesma coisa que votar no Sr. Zeca Martins que fazia “perseguições política, de vingança, de arbitrariedades”.<sup>86</sup> A partir disso o panfleto vai fazer várias críticas e atacar os seus adversários, percebe-se isso com a citação acima quando o Sr. Martins é atacado, continua falando que quem tiver alguma obrigação, dever ou deu a sua palavra para votar no Sr. Batista deve e tem a obrigação de votar justamente e com consciência. O panfleto termina dizendo:

Vote com a Dissidência e terá cumprido com o seu dever, porque a Dissidência garantia ao eleito plena liberdade de opinião, respeito absoluto da lei, e o início de um período de verdadeira democracia, como a Aliança Liberal e a Revolução prometeram ao povo brasileiro. A Dissidência Liberal promete também ao eleitorado a redução dos impostos, e uma administração tolerante, eficaz e serena, que promova o progresso e o melhoramento de Laguna.<sup>87</sup>

Depois de todos os ataques que a Desistência Liberal de Laguna fez, foi à vez do Partido Liberal de Laguna fazer um contra-ataque. O panfleto do partido

---

<sup>84</sup> Panfleto “Dissidência Liberal de Laguna”.

<sup>85</sup> Panfleto “Dissidência Liberal de Laguna: Ao eleitorado”.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> Panfleto “Dissidência Liberal de Laguna: Ao eleitorado”.

intitulado: “Ao povo: não se iludam! Cuidado com os cantos das sereias!”<sup>88</sup> O texto iniciava já com um contra-ataque bem visível, quando dizia que o Dr. Aurélio Rotolo que era chefe da Dissidência de Laguna, médico e “oportunista” do município, tinha lançado um panfleto sem data e induzindo o povo a votar contra o Sr. Antônio Batista da Silva, descrevia também calúnias não verídicas contra o atual prefeito naquele momento. Depois de defender o Sr. Batista, foi a vez de atacar Sr. Rotolo dizendo: “O eleitorado precisa não se esquecer, que o Dr. Aurélio Rotolo é o homem mais interesseiro que tem em Laguna e que, visando exclusivamente a sua pessoa não vacila em prejudicar os interesses do povo”.<sup>89</sup>

E os ataques não param por aí, ao longo do panfleto vão ocorrer novos ataques contra Sr. Rotolo: dizendo que ele tinha denunciado o médico Paulo Carneiro para o interventor federal só para ficar como cargo dele, ainda descreve que por muito tempo Sr. Rotolo tinha sido “um parasita nos cofres públicos”, onde recebia um dinheiro mensalmente, dinheiro esse que era para as obras da barra de Laguna. O autor do panfleto salienta ainda um discurso do Chefe do Partido Liberal Catarinense, Nereu Ramos onde ele dizia que eram para tirar do partido todos os ambiciosos e prejudicavam os interesses do partido. Por fim o texto termina fazendo um discurso de consciência ao leitor para não votar no Sr. Rotolo, apontando todos os defeitos dele.

Não se esqueçam que o Dr. Aurélio Rotolo, que falta em consciência e renegando costumes, [...] ato desonesto que praticou como sanguessuga da Comissão da Barra, só merece o desprezo do leitor que deseja castigar os desonestos, interesseiros e vingativos.<sup>90</sup>

Ao analisar os três panfletos, podem-se fazer algumas conclusões. Percebe-se que ficou evidenciado como ocorriam às disputas pelo poder e a hegemonia do município, os dois lados faziam muita pressão para que o seu candidato viesse a desistir, as disputas pelo poder político ocorriam com a elite que predominava no Partido Liberal. A pressão foi tanta que o Antônio Batista da Silva que era o atual prefeito veio a pedir demissão.

---

<sup>88</sup> Ao povo não se iludam! Cuidado com os cantos das sereias!. *Partido Liberal de Laguna*. Laguna, 16 de maio de 1931.

<sup>89</sup> Ao povo não se iludam! Cuidado com os cantos das sereias!. *Partido Liberal de Laguna*. Laguna, 16 de maio de 1931.

<sup>90</sup> Ibid.

Com todos esses acontecimentos o Partido Dissidência Liberal de Laguna, uma ala do Partido Liberal, acabou conseguindo sair vitorioso. Depois todos esses antagonismos entre os dois partidos, Pompílio Pereira Bento assumiu a chefia do Partido Liberal e Giocondo Tasso assumiu a chefia do município.<sup>91</sup> Giocondo Tasso foi o que mais ficou na administração do município conseguiu ficar por 12 anos na chefia da prefeitura.

Mais, antes de fazer uma análise, da importância da trajetória político-administrativa de Giocondo Tasso. É necessário fazer uma breve descrição sobre os acontecimentos ocorridos no âmbito nacional com a posse de Getúlio Vargas e seus primeiros anos de governo, realiza-se também uma análise âmbito estadual como quem ficou na administração do estado, a disputa pelo poder político e, administração do governo de Santa Catarina, primeiro entre os Konder e os Ramos e, depois entre os Ramos mesmo que vão acabar disputar o poder do estado.

### 3.2 TENSÕES NA POLÍTICA REGIONAL EM SANTA CATARINA NA DÉCADA DE 1930

A política Catarinense, na Primeira República passou por várias tensões e disputas de poder do estado. Neste território haviam duas famílias com grande prestígio político-econômico, ambas pertencia as oligarquias dominantes. O planalto Catarinense era dominado pela família dos Ramos e a região do Vale do Itajaí era dominada pela família dos Konder, todas as disputas pelo poder do estado ocorriam no entorno das duas famílias, ocasionando uma disputa muito longa.

Na década de 1920, o poder político Catarinense passou para as mãos dos Konder, grupo político que vinha das áreas de imigração européia. Neste período, os Ramos ficaram afastados da política Catarinense, se tornando a oposição, retornando ao poder somente na década de 1930.

Segundo Dahse Nunes, assim iniciava uma disputa declarada entre as famílias, ora Konder ora Ramos, no poder político do estado de Santa Catarina, sempre beneficiando as elites das suas regiões predominantes. Durante toda a

---

<sup>91</sup> ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 244.

década de 20, os Konder vão ficar no poder político do estado, com o movimento de 30 os Ramos voltam novamente para o cenário político.

Antes de iniciar o movimento de 30, Adolpho Konder era o governador de Santa Catarina, muito fiel a Washington Luiz não apoiou a candidatura de Getúlio Vargas e nem aderiu ao Partido Aliança Liberal, ou seja, os aliancistas só tiveram o apoio da oposição. E quem era a oposição? Os Ramos. O primeiro a aderir Aliança Liberal foi Vidal Ramos, depois Nereu Ramos, Henrique Rupp Junior e Aristiliano Ramos. A partir desse momento os Ramos voltaram com grande destaque e importância para a vida política do estado Catarinense.<sup>92</sup>

O movimento de 30, contou com o apoio total dos Ramos, mas, depois que os revolucionários conseguiram dominar o território Catarinense e ganharam o movimento. Os Ramos não assumiram logo em seguida o poder do estado. A escolha para governar o estado era através das articulações de militares atuantes no movimento, com isso iniciar dois governos gaúchos que governaram o estado de Santa Catarina. Os Ramos não concordaram com as indicações e começaram a fazer pressão ao Governo Federal, assim conseguem assumir o poder do estado.

Getúlio Vargas nesse momento já tinha assumido o poder do país, tornando-se Presidente Provisório da República brasileira. Vargas iniciou o seu mandato com várias mudanças, tirando do poder de todos os estados os governadores e substituiu por interventores, interventores esses que deveriam obedecer fielmente todas as ordens que vinham de cima. Segundo Moraes, os interventores tinham que seguir os princípios pregados pelos aliancistas na eleição de 30, ou seja, “a diluição da política regionalista, educação pública extensa e intensa e a publicidade ampla dos gastos oficiais”.<sup>93</sup> Todas essas ideologias, princípios eram pregados no governo de Vargas e incorporados pelos interventores. Com isso os interventores começaram:

reformulando o sistema educacional, construindo um sistema jurídico para expulsar os republicanos corruptos da política, controlando maxime os gastos públicos com publicação em jornais, e assegurando uma contra-revolução, investindo na segurança pública.<sup>94</sup>

<sup>92</sup> Sobre todas as disputas dos Konder e Ramos ver: CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984. p. 35-49.

<sup>93</sup> MORAES, Marcos Jurencio. *As disputas pelo poder governamental catarinense: as oligarquias, os autoritários e a instrumentalização do nacionalismo*. 2012. 195. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 68.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 69.

Esses eram o princípios e objetivos dos interventores. Contudo ocorria a indicação dos interventores e para que servia?

Todas essas indicações de interventores, estratégias, artimanhas, tudo era uma forma de centralizar o poder e, conseguir acabar com os seus opositores. “Uma das estratégias de Vargas para neutralizar as forças locais dos Estados e fazer prevalecer o poder federal, foi impor um interventor”.<sup>95</sup> Assim conseguia acabar com o poder das oligarquias tradicionais no âmbito local, geralmente os interventores eram pessoas não vinculadas com o poder local, nem muito conhecidas, com todo esse jogo de poder as oligarquias cada dia mais iam perdendo o poder político. As indicações de interventores eram diferentes de estado para estado, tudo era um jogo de poder, para acabar com a oposição e, eliminar os empecilhos. A escolha de um interventor ocorria de três maneiras.

Um interventor de fora não envolvido com a política local; um interventor local que não constituía-se em uma grande liderança nos quadros da oligarquia dominantes; um interventor membro expressivo da oligarquia dominante no estado.<sup>96</sup>

Depois que um interventor era escolhido ele tinha total autonomia para indicar os prefeitos, mas, a escolha e os critérios correria da mesma forma de um interventor estadual.<sup>97</sup> Depois de todas as reivindicações dos Ramos para assumir o poder do estado de Santa Catarina, o primeiro dos Ramos a ser indicado como interventor foi Aristiliano Ramos. Sobrinho de Vidal Ramos pai de Nereu Ramos, desde muito cedo dedicou-se a vida política, primeiro como jornalista político, depois como deputado (1916-22), no movimento de 30 ficou do lado dos aliancistas, chegou a chefiar uma coluna dos revolucionários e foi interventor (1933-35), era fiel a Vargas, apoiava todos os movimentos do presidente<sup>98</sup>.

Em virtude disso “Aristiliano Ramos e Nereu Ramos tornaram-se personagens de maior importância nos quadros das novas composições do poder

<sup>95</sup> BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em História). p. 93.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>97</sup> Sobre como ocorria as indicações e escolha dos interventores ver: BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em História). p. 87-95.

<sup>98</sup> PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político de Santa Catarina*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 637.

político estadual”.<sup>99</sup> Mesmo Aristiliano sendo muito fiel a Vargas, quando ocorreu as eleições para governador estadual em 1935, Nereu Ramos ganhou as eleições por voto indireto da assembléia legislativa, Nereu Ramos era formado em direito, iniciou a sua carreira de político precocemente, tornou-se deputado com 23 anos, participou da “Reação Republicana”, aderiu a Aliança Liberal, participou do movimento de 30 ao lado de seu pai Vidal Ramos, e tornou-se governador de Santa Catarina em (1935-37)e interventor em (1937-45).<sup>100</sup>

Ao que parece, o resultado da eleição não teve a contestação de Vargas, já que em principio seu candidato era Aristiliano, em razão das fortes ligações desse com Flores da Cunha, chefe executivo sul-rio-grandense, que vinha afastando-se de Vargas.<sup>101</sup>

A escolha de Nereu Ramos não foi por acaso. Segundo Bitencourt, mesmo Aristiliano sendo muito fiel a Vargas, tinha laços pessoais com Flores da Cunha, sendo assim, se ele fosse escolhido para governador, Flores da Cunha poderia vir a ter influência nas decisões do governo, tudo isso era uma forma de limitar os poderes regionais. As disputas pelo poder do estado de Santa Catarina entre os primos Ramos fora amplamente divulgadas na imprensa de Laguna.

Nesse momento Laguna já contava com seis periódicos. Desses seis o que mais vai descrever a disputa entre os primos será o jornal *Correio do Sul*, que disponibilizava para os leitores várias charges e matérias elogiando, criticando a disputa pelo poder do estado.

No dia 7 de abril de 1935, o jornal o *Correio do Sul*<sup>102</sup>, publicou uma matéria intitulada “Nereu Ramos intransigente? Exclusivista? Soberbo? – Não quer amigos, quer instrumentos dóceis e obedientes? Não correligionários, mas serviçais? Não dedicações sinceras, mas incondicionalismos cegos? Que ninguém disputa sua palavra, obedeçam-na?!.”<sup>103</sup> Ao ler esse título o leitor pensava que a matéria iria realizar críticas a Nereu Ramos, mais pelo contrário realizou vários

<sup>99</sup> BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em História). p. 99.

<sup>100</sup> PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político de Santa Catarina*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 646.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 646.

<sup>102</sup> O dono do jornal era J. Marcondes Cabral, conseguiu ficar em circulação até 1938.

<sup>103</sup> Nereu Ramos intransigente? Exclusivista? Soberbo? – Não quer amigos, quer instrumentos dóceis e obedientes? Não correligionários, mas serviçais? Não dedicações sinceras, mas incondicionalismos cegos? Que ninguém disputa sua palavra, obedeçam-na?! *Correio do Sul*. Laguna, 7 de abril de 1935.

elogios, dizendo que é a vez dele ser governador, que o cargo é muito mais que merecido.

No início descreve que está ocorrendo uma disputa entre os dois maiores políticos catarinenses, Nereu Ramos e Aristiliano Ramos. Segundo a matéria Nereu Ramos enfrentava várias oposições vindas de dentro mesmo, do seu partido, mas, essa era a chance dele se eleger caso não conseguisse esse feito, talvez nunca mais tivesse oportunidade, ainda afirma que a posse dele como governador é mais que merecida já que é honesto e tem vários talentos, respeita a família e a cultura. No final da matéria diz que é a vez de Nereu Ramos assumir e fazer o que a de melhor para o estado, que outros políticos já tiveram a sua vez agora é a vez dele de fazer a diferença. “Há de agir no sentido de Santa Catarina ser representada, lá fora, pelo que ela tem de mais nobre e mais culto.”<sup>104</sup> Na mesma publicação ainda em outras páginas tem algumas charges bem engraçadas da disputa entre Nereu Ramos e seu primo Aristiliano Ramos – Casamento político entre famílias, Dom Quixote do Liberalismo-. A partir dessas notas percebe-se que a disputa em os primos foi amplamente divulgada nos periódicos.

### 3.3 GOVERNO DE GIOCONDO TASSO

No periódico *Correio do sul*, editado em Laguna, em 19 de abril de 1936, foi publicada uma matéria descrevendo a posse do Giocondo Tasso na administração do município de Laguna. A posse de Tasso realizou-se no dia 16 de abril de 1936, mas, já estava no poder administrativo do município desde 1933.

Tasso não era um personagem de grande destaque na política de Laguna, e só veio a ter um papel mais importante depois do movimento de 30. Assumiu a chefia do município com 34 anos, era filho de Jacinto Tasso que era imigrante, veio para o Brasil em 1890 para ser Agente Consular italiano. Nove anos

---

<sup>104</sup> Nereu Ramos intransigente? Exclusivista? Soberbo? – Não quer amigos, quer instrumentos dóceis e obedientes? Não correligionários, mas serviçais? Não dedicações sinceras, mas incondicionalismos cegos? Que ninguém disputa sua palavra, obedeçam-na?! *Correio do Sul*. Laguna, 7 de abril de 1935.

depois que sua família se estabeleceu em Laguna, Giocondo Tasso nasceu, com 12 anos foi estudar em Milão, retornando só em 1923.<sup>105</sup>

Segundo o historiador João Batista Bitencourt, Giocondo Tasso não tinha grande destaque no cenário político de Laguna nos primeiros anos do pós-movimento de 30. Quem tinha grande destaque era Pompílio Pereira Bento que era um industrial no ramo madeireiro, filho de Firmino Pereira Bento e Dona Maria Carolina Bento, iniciou-se no comércio com apenas 10 anos de idade. Mais tarde foi morar em Laguna, sempre participante em vários cargos como: Presidente da Associação Comercial de Laguna, entre outros, participou ativamente do movimento de 30 como comandante das tropas do Sul, foi presidente do Partido Liberal em Laguna, vice-presidente do Partido Liberal do estado, fundador do periódico *Sul do Estado*, até a sua morte exerceu cargos de grande importância na vida política de Laguna<sup>106</sup>.

Quando Giocondo Tasso assume administração de Laguna em 36, Pompílio Pereira Bento assume a chefia do Partido Ala Dissidente Liberal, percebe-se a grande influência que Pereira Bento tinha, assim depois desse momento os dois começam a ter grande influência dentro do Partido Liberal.

Giocondo Tasso assumiu o governo de Laguna como superintendente em 1933, depois de três anos é eleito prefeito em 1936. Como já foi mencionado anteriormente, ocorreram tensões e disputas pelo poder político entre os próprios Liberais, mas quando ocorreu a eleição de 36 o partido estava unido. Assim, concorreram contra a União Republicana e o Integralismo, este último estava crescendo muito na região. Com essa eleição fica evidenciada a hegemonia dos Liberais em Laguna, e em todos os municípios do Sul Catarinense, pois com os resultados da eleição o Partido Liberal ganhou em todos eles. Entretanto nota-se que em Laguna esta força do partido Liberal era muito maior, pois o partido consegue uma votação superior a dos Republicanos e Integralistas juntos - Partido Liberal 1.606, União Republicana 377, Integralismo 271<sup>107</sup>.

Um ano depois das eleições em 1937, Getúlio Vargas dá o golpe de estado, permanecendo no poder do país. Nereu Ramos que era governador de

<sup>105</sup> BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em História). p. 143.

<sup>106</sup> PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político de Santa Catarina*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 100.

<sup>107</sup> ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012. p. 254.

Santa Catarina é indicado agora como interventor do estado. Depois dessa indicação Nereu começa a indicar os interventores municipais. Para Laguna, Nereu Ramos indica Giocondo Tasso como interventor municipal, que naquele momento já era o prefeito do município, ele consegue permanecer no poder da administração até 1945 quando Vargas saiu do governo.

Em 1933 quando Giocondo Tasso assumiu administração de Laguna, ocasionou a demissão do prefeito que estava na chefia do município Antônio Batista da Silva. Como já foi mencionado anteriormente, Laguna no pós-movimento de 30 passou por várias mudanças, dessa maneira ao analisar as mudanças percebe-se que Laguna teve quatro gestões, fato que pode ser considerado um indicio das disputas pelo poder político local.

O primeiro a ser indicado como prefeito foi Gil Ungaretti logo que os revolucionários invadiram Laguna, ficou no governo do município só alguns meses, depois dele foi vez de José Fernandes Martins que conseguiu ficar no poder até sua morte em 1932, depois quem assumiu o poder foi Antônio Batista da Silva, que ficou no poder só um ano, saindo do comando do município dois dias antes de Giocondo Tasso assumir a administração do município.

Com mais de 12 anos respondendo pela administração pública lagunense, período quase tão longo quando o primeiro governo de Vargas, a gestão Tasso estendeu-se por um tempo maior que a de Nereu Ramos no governo de Santa Catarina. Durante esse extenso mandato, e principalmente no período do Estado Novo, o prefeito Tasso desenvolveu na cidade um governo aparentemente muito identificado com o maneiromos político do presidente.<sup>108</sup>

Giocondo Tasso é identificado como um imitador do maneirismo político de Vargas, ou seja, tudo que o Presidente Getúlio Vargas realizava no âmbito nacional, Tasso tentava realizar em Laguna. Segundo Bitencourt, algumas dessas realizações eram ordens vindas de cima, que Tasso em muitas vezes realizava sem muito questionamento, talvez todas essas qualidades tenham ajudado a permanecer na administração de Laguna por um longo tempo, quase uma década.

Na tentativa de esvaziamento de poderes políticos paralelos ao federal, as oligarquias estaduais e regionalistas, a ditadura Vargas colocava grande

---

<sup>108</sup>BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. p. 145-205.

valor no municipalismo e procurava fazer chegar ao nível da prefeitura, principalmente por uma padronização burocrática do serviço público, decisões que permitiam do presidente da República.<sup>109</sup>

Durante o período do Estado Novo - Golpe de Estado de 37- Tasso tentou realizar várias mudanças em Laguna. Durante o seu governo Giocondo Tasso vai tentar realizar algumas obras notáveis como: estrada Laguna-Florianópolis, o ginásio Lagunense, posto de saúde, melhorar a arquitetura do centro da cidade, posto de puericultura, prédio da marinha, entre outras obras. As obras realizadas no centro do município requereram muito dinheiro e tempo, foram realizados serviços de esgoto, calçamento, tudo para melhorar a infraestrutura, também melhorou os serviços de captação da água, ainda exigiu melhorias nos serviços prestados pela Cia Brasileira Carbonífera de Araranguá. Durante seu governo, Tasso mostrou também um grande interesse pela parte da higiene da população e do município.

Disciplina cívica para o aprimoramento moral do ser brasileiro, capacitando os trabalhadores e modelando o operariado, cruzava-se com uma medicina social voltada para o aprimoramento Eugênio corporal, a higiene na alimentação, na mordida, no cuidado de si, na maternidade, na infância.<sup>110</sup>

Tasso se preocupava muito com esta questão da higiene, mesmo ele afirmando que Laguna não sofria de um mau estado de higiene, ainda tinha muitas partes da cidade que poderiam ser melhorados. Mas, o grande destaque mesmo do governo de Tasso, foram para os movimentos cívicos realizados no município. Com os movimentos cívicos em Laguna, Tasso queria demonstrar uma comunidade unida, que cumpria as exigências das diretrizes do governo de Vargas, com isso a Laguna de Tasso era um município sempre em festa, de pessoas felizes. Com estes desfiles em que eram exacerbados o sentimento cívico de amor a pátria, Tasso buscava seguir as diretrizes da política estadonovista.

Partindo dessa análise podem-se citar alguns momentos de festa cívica ou momentos cívicos. Nas festas cívicas se construía uma imagem de comunidade em harmonia feliz, percebe-se isso quando ocorreu a inauguração do Correio e Telégrafo, onde o governador Nereu Ramos estava presente e, teve um desfile militar no município, contendo crianças uniformizadas e tudo enfileiradas, tinham

<sup>109</sup> Ibid., p. 145.

<sup>110</sup> BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 174.

civis também, tudo em fila e desfilando juntos. E importante salientar que esses desfiles cívicos eram uma marca no Estado Novo no governo de Vargas, alguns desses momentos cívicos eram mostrados nos periódicos, como a festa de Santo Antonio, padroeiro de Laguna que o jornal *O Albor* anunciou: “às 16 horas a importante procissão, com a assistência de todas as irmandades religiosas, Tiro de Guerra 137, Ginásio Lagunense, grupos escolares, Colégio Stela Maris e das bandas musicais,”<sup>111</sup> percebe-se esta festa religioso um caráter militar, onde ocorreu um desfile patriótico, assim tornando esse momento muito importante para a população.

Não só as datas comemorativas que eram feitas os momentos cívicos, tudo para Tasso era motivo para fazer uma festa cívica, como as inaugurações em que algumas delas Nereu Ramos governador de Santa Catarina estava presente. Outro acontecimento que demonstrava todo o patriotismo era também as comemorações no dia 1<sup>a</sup> de maio dia do trabalhador. Esse momento cívico foi uma das marcas do governo getulista, onde os sindicatos mais fortes se uniam para homenagear Getúlio Vargas e o seu representante local, ou seja, em Laguna Giocondo Tasso.

A imagem dos desfiles cívicos onde são demonstrados pelotões uniformizados, civis e militares juntos, queria representar com tudo isso o fim das desigualdades sociais, assim todos caminhariam juntos para o futuro. Era um representação do estado e não da sociedade, que seria conduzida à um futuro promissor, com essa característica um grande número de festejos patriotas foram realizados em Laguna durante o governo de Giocondo Tasso. Como já foi citado essas festas cívicas não se resumia só nas datas comemorativas, mas também, visitas de autoridades, inaugurações, festas religiosas, churrascadas, aniversários de autoridades do município, tudo era motivo de comemoração. Segundo Bittencourt, esses momentos de festas cívicas eram uma maneira de disciplinar a população para a submissão ao estado, assim muitas vezes essas comemorações eram uma maneira de conquistar corações, doutrinar a população para as diretrizes que o governo de Vargas pretendia.

---

<sup>111</sup>BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. p. 198.

Percebe-se então que Tasso era uma “micro da nova ordem”, onde conduzia o município de Laguna para o progresso e ordem, tentando criar uma imagem de município feliz, em desenvolvimento, ordem, harmonia, que obedecia as diretrizes que as ordem de cima dele exigiam<sup>112</sup>.

Por fim, fica evidenciado que o governo de Tasso estava afinado com Nereu Ramos em âmbito estadual e com Vargas em âmbito nacional. Fica evidenciado também que na vitória eleição municipal de 1936, marcou a consolidação de Tasso como liderança política de expressão em Laguna. Sua nomeação para continuar no comando do município e suas ações procurando fazer em nível micro o que Vargas estava fazendo em âmbito macro, contribuíram para afirmar sua liderança política e ao mesmo tempo sufocou a oposição que certamente existia, mas que tiveram que silenciar.

---

<sup>112</sup> Ver BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. p. 190.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A renovação dos estudos da história política foi fundamental para analisar e compreender vários aspectos ainda não estudados, fugindo assim da história tradicional que era ligada ao estado, nacional ou internacional, passando agora para uma história cultural ligada ao presente, e sobretudo dando espaço aos estudos sociopolíticos regionais e locais.

Os estudos regionais vêm crescendo muito ao longo dos anos, percebe-se isso nos estudos recentes sobre o Sul Catarinense na década de 30. Essas abordagens implicaram na ampliação das fontes locais. Como foi evidenciado nesta pesquisa os jornais e panfletos foram utilizados para compreender as disputas pelo poder político em Laguna.

Assim, como já foi exposto, o objetivo deste trabalho foi perceber as disputas pelo poder político no município de Laguna na década de 1930, com ênfase nos seguintes aspectos: a eleição presidencial, o movimento de 1930 e as disputas em Laguna neste contexto. Foram abordados também as disputas políticas em Laguna no pós-30 – as disputas entre os liberais e a ascensão de Giocondo Tasso ao poder da administração do município.

Dessa maneira, na primeira parte do trabalho, abordou-se o movimento de 1930 em Santa Catarina, especialmente no sul e, em Laguna: o início da formação da Aliança Liberal após a ruptura da política café com leite, como se deu essa eleição, enfatizando como foi mostrando disputas eleitorais nos periódicos. Apontando a derrota da Aliança Liberal, as motivações que levaram ao movimento revolucionário de 30, como o mesmo foi articulado nas três esferas -nacional, estadual e Local-. Por fim descrevo a vitória do movimento de 30, a entrada dos revolucionários em Laguna, apresentada pelos periódicos, assim como as mudanças e benefícios que o município recebera como: agora o município de Imbituba, por um decreto de Lacombe perdeu a sua condição de município, voltado a pertencer novamente ao município de Laguna, esse decreto beneficiou muito a mesma, já que agora no seu território tinha dois portos, muito importante para região Sul Catarinense.

Na segunda parte do trabalho, privilegio-se as mudanças ocorridas no pós-movimento de 30, como a hegemonia do Partido Liberal no poder político, destaca-se mudanças em âmbito nacional com a posse de Getúlio Vargas na

administração do país; a substituição dos governadores por indicações de interventores. No âmbito estadual a volta dos Ramos no poder político do estado de Santa Catarina; o conflito entre as indicações dos interventores, nos primeiros anos da década de 30; as disputas pela poder do estado entre os Ramos, e o governo de Nereu Ramos. Em âmbito regional destaca-se a hegemonia do partido Liberal em Laguna; os conflitos pela disputa de poder político no município; as eleições de 36; e o governo de Giocondo Tasso que foi marcado pelo maneirismo, ou seja, boa parte do que Vargas realizava em âmbito nacional, ele queria realizar em Laguna, como: festas cívicas, obras higienistas, assistencialismo e ginástica.<sup>113</sup>

No primeiro e segundo capítulo trabalhei com os jornais de duas maneiras: como fonte e objeto de análise, mas, não trabalhei só com eles também utilizei obras escritas. O objetivo da minha pesquisa, como já foi exposto, foi perceber as disputas pelo poder político em Laguna, percebo que consegui atingir o meu objetivo, tanto no primeiro quanto no segundo. Primeiramente me focando na disputa pelo poder nas eleições de 30 entre os Republicanos e os Liberais e, depois na disputa pelo poder entre os Liberais, percebe-se essa disputa interna de duas maneiras, no âmbito nacional a disputa ocorria entre os primos Ramos –Aristiliano e Nereu Ramos-, e no âmbito regional entre o partido Liberal e a Desistência Liberal, o que entende-se nessa disputa pelo poder vem do panorama nacional e vai para o regional.

É importante salientar que o estudo pela disputa pelo poder no Sul Catarinense na década de 30, ainda não estar esgotado ainda falta muitas coisas a serem explorada. Como explorar mais o movimento de 30 no Sul Catarinense? As disputas que ocorriam nesses municípios antes do movimento e pós a ele? E perceber como essas disputas foram mostradas nos periódicos. Ainda tem muita coisa para serem exploradas no governo de Giocondo Tasso.

---

<sup>113</sup> Ver BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre. p. 195.

## REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre.
- BORGES, Vavy Pacheco. *História e política: laços permanentes*. Rer. *Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23-24, p. 7-18, set./ago. 91-92.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Secretaria de educação, 1968.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Laguna e outros ensaios*. Florianópolis: OIESC, 1939.
- CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1984.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa, *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 255-272 dez/2007.
- FÉLIX, Loiva Otero. A história política hoje: novas abordagens. *Revista Catarinense de história*, nº 5, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República à Revolução 1930*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- LEMOS, Valmir. *Tombados e esquecidos: 1930 - A marcha revolucionária sobre Santa Catarina*. Blumenau: Nova letra, 2005.
- LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*.
- MORAES, Marcos Jurencio. *As disputas pelo poder governamental catarinense: as oligarquias, os autoritários e a instrumentalização do nacionalismo*. 2012. 195. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- NENUS, Karla Leonora Dahse. *Santa Catarina no caminho da Revolução de Trinta: memórias de combates (1929-1931)*. Florianópolis: DIOCEC, 2012.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos de 1930: as incertezas do regime. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político de Santa Catarina*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. *Laguna três séculos de brasilidade: dados e informações sobre o município*. UFSC, 1982.

RÉMOND, René. *Uma história presente*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. *Laguna: um pouco o passado*. Florianópolis: Ed. Do autor, 2002.

ULYSSEÁ, Ruben. *Laguna: memória histórica*. Brasília: Letra Ativa, 2004.

ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012.

## **FONTES**

### **1. Biblioteca Pública de Santa Catarina:**

Jornal O Albor, Laguna, 1929-1940.

Jornal A cidade, Laguna, 1929-1935.

Jornal A Gazeta, Laguna, 1930-1931.

Jornal Correio do Sul, Laguna, 1932-1938.

Jornal A Razão, Laguna, 1932-1935.

Jornal Vanguarda, Laguna, 1934.

Jornal Sul do Estado, Laguna, 1937-1940.

Jornal Voz do Sul, Laguna, 1935.

**ANEXOS**

## ANEXO A- JORNAL O ALBOR, 1º DE MARÇO DE 1930.

**Partido Republicano Catharinense**  
AO ELEITORADO REPUBLICANO

O Directorio do Partido Republicano Catharinense em Laguna tem a satisfação de apresentar aos seus correligionarios os nomes dos candidatos que nas eleições de primeiro de Março proximo serão sufragados por todos os elementos do Partido Republicano Catharinense.

Os nossos candidatos são nomes raconhecidamente tidos como de brasileiros dignos e orientados pelo desejo de tornar a nossa Patria cada vez mais feliz e mais prestigiada no conceito das Nações.

O Partido Republicano Catharinense, desde o advento da Republica só tem colhido victorias e a de primeiro de Março desde já se acha assegurada porque a grande maioria do povo catharinense já se manifestou favoravel aos nossos eminentes candidatos.

E' assira que temos a convicção plena do comparecimento do eleitorado digno e livre para votar nos nossos preclaros candidatos :

PARA PRESIDENTE DA REPUBLICA  
**Dr. Julio Prestes de Albuquerque**

PARA VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA  
**Dr. Vital Henrique Baptista Soares**

PARA SENADOR FEDERAL  
**Gel. Antonio Pereira da Silva e Oliveira**

PARA DEPUTADOS FEDERAES  
**Dr. Fulvio Coriolano Aducci**  
**Dr. Abelardo Wenceslau da Luz**  
**Dr. Walmor Argemiro Ribeiro Branco**

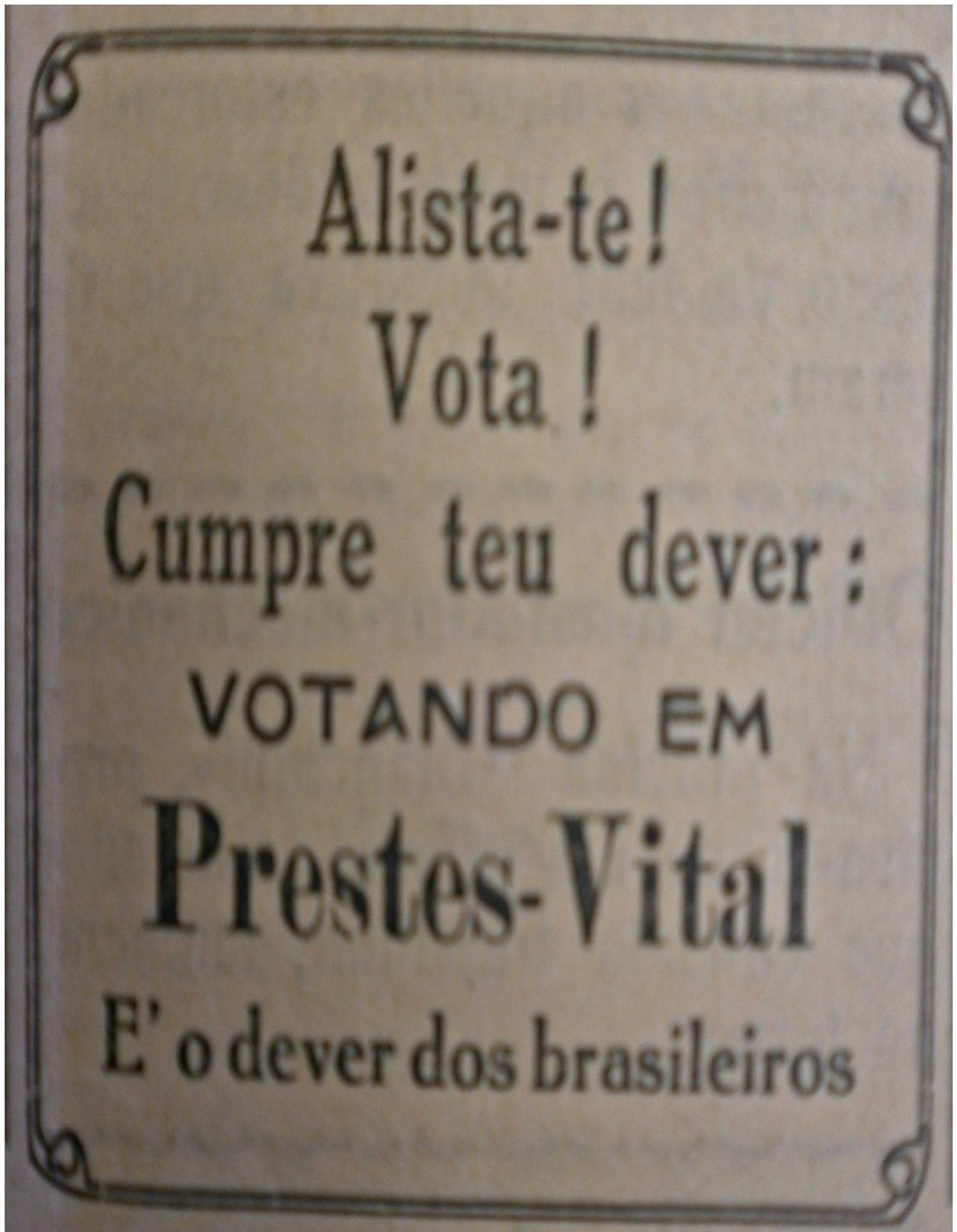
A's urnas, pois, companheiros decididos !

Laguna, 15 de Fevereiro de 1930.

O Directorio do P. R. C. Lagunense

*João Guimarães Cabral*  
*Antonio Bessa*  
*João Nunes Netto*  
*Luiz Severino Duarte*  
*Claribalte Galvão*  
*Henrique Ramos Fortes*

ANEXO B- JORNAL A CIDADE, 8 DE SETEMBRO DE 1929.



ANEXO C- JORNAL A RAZÃO, 24 DE JANEIRO DE 1932.

O Partido Liberal e um dia de gloria para Laguna

O grande comicio do povo lagunense em honra a Caravana ... O CONGRESSO DO PARTIDO

Revestiu-se de dosada imponente, a festividade com que foi recebida, aqui, a Caravana Liberal, vinda de Florianopolis e chefiada pelo preclaro chefe liberal dr. Nereu Ramos.



DR. NEREU RAMOS

Laguna viveu horas inteiras vibrando no seu nunca desmentido civismo.

Muito cedo, ainda, grande era a massa popular que aguardava o vapor "Max" da Empresa N. Hoepcke.

Doas bandas de musica tocavam no ponto de desembarque enquanto os primeiros roques anunciando a entrada do vapor estouravam nos ares.

Logo em seguida, atracava o Max, trazendo a seu bordo a luzida caravana, que desembarcou entre palmas e vivas.

Com a palavra o director deste hebdomadario, dr. Claribalte Galvão, saudou a caravana, produzindo um magnifico discurso, que foi muito aplaudido.

Os caravaneiros, acompanhados por enorme massa popular, autoridades e representantes da Imprensa, seguiram para o Paraizo Hotel de cuja sacada falou o Dr. Nereu Ramos, preclaro chefe politico que produziu magnifica oração, sendo por varias vezes interrompido com aplausos.

Seguiu-se com a palavra o sr. Dr. Arão Rabelo, que se demorou na tribuna rememorando os feitos da Revolução, sendo o seu discurso muito aplaudido.

Em seguida, assoma a sacada o academico Dorval Lamothe, que em palavras cheias de entusiasmo e vigor, tem frases de fogo para causticar a passada situação, recebendo fortes aplausos da assistência.

Mais um orador chega a sacada, aclamado pelo povo, é o nosso estimado colega, jornalista Oswaldo Melo, que saudou o povo lagunense, entoando um hino ao seu patriotismo, ao seu civismo e a sua tradição, arrancando entusiasticos aplausos da multidão.

O grande comicio do povo lagunense em honra a caravana

O povo lagunense, representado pela comissão sinatária de um vibrante convite, realizou as dezesete horas do comicio que firmou os toros de nossa mentalidade, o qual teve lugar na praça Calheiros da Graça.

Em nome dos manifestantes falaram, os srs. Mario Lacombe, e dr. João de Oliveira, que foram delirantemente applaudidos. Agradecendo a manifestação falou o doutor Nereu Ramos que em brilhante discurso agradeceu ao povo e aos oradores a manifestação que acabava de ser alvo e bem assim os seus companheiros.

O Congresso do Partido

A's 18 horas, no Teatro 7 de Setembro, perante numerosa assistência teve lugar o Congresso Regional do Partido Liberal Catarinense, presidido, pelo dr. Nereu Ramos.

Tomaram parte na meza os seguintes cavalheiros:—Coronel Ernesto Lacombe, Antonio Ba-



OSWALDO MELO

tista, Coronel Aristiliano Ramos, dr. Arão Rabelo, Pedro Buss, Jacob Schimith, dr. E. Mesquita, Coronel Fontoura Borges,—Capitão Pompilio Bento, representando o Almirante Dorval Melchades, Oswaldo Melo, Altamiro Guimarães Antenor Moraes, Pedro Buss e outras pessoas cujos nomes nos escaparam.

Falla o Dr. Nereu Ramos

Aberta a sessão o doutor Nereu Ramos, illustre chefe do Partido Liberal produziu monumental discurso que se lê:

"Nesta reunião de tão marcada expressão cívica, que de tal relevo politico e social não assistiu jamais, a legendaria terra lagunense, irradia a consciência do sul do Estado, no facinório do seu prestigio, na eclosão dos seus altos propositos coletivos, na exuberancia feraz dos seus sentimentos liberais.

Vibra aqui nesta inedita con-

sagração publica a vitoriosa força partidária que congregou e lutou, debruçada de uma bandeira de fé, euerias realmente dispostas á pratica da sua democracia.

Força partidária vitoriosa, sim porque não somos apenas a bidina expresso do pensamento revolucionário e liberal, são ainda e indiscutivelmente a verdadeira e coordenada das aspirações coletivas da terra barriga verde.

É o Partido Liberal Catarinense, por, seu programa, por seus ideais, por sua organização, por seus representantes, a maior força politica do Estado, aquela que em verdade, sem hesitações e sem fraquezas, caminhar para leito largo e comum os anseios generosos da alma da nossa terra.

Sem transigencias que fossem amesquinhamto dos companheiros da hora do perigo, mas também sem ilusões que importassem em humilhação dos que não nos puderam seguir, de alma aberta e franca sem reticencias na mente e sem calculos na consciencia, acolhemos como bons e leais companheiros de pugnas partidárias quantos, nesta era nova dos destinos catarinenses sinceramente nos devotaram sua colaboração.

Eis porque a nossa agremiação partidária, modelada em fórmulas dantes entre nós inteiramente desconhecidas por nitidamente democraticas, dia a dia mais se prestigia no conceito dos nossos concidadãos, que a sabem avessa a conchavos e conlujos secretos, posto batizados de titulos insinueramente confraternizantes,

E por que somos a maioria politica do Estado, como em realidade já o eramos antes do pleito federal, em que só a fraude nos poudo arrebatara a victoria global, que a parcial foi fragorosa e estonteante, temos por dever inelutavel da hora presente o ser, dentro no Brasil, a voz clara e iniludível de Santa Catarina.

Fez o povo a revolução de outubro para asenhorear-se de seus proprios destinos. Democracia em que ele era entidade sem valimento real, porque eternamente embaraçado por leis que lhe impediam a expressão da propria vontade, rumou a brasileira, através da nunca assás condenada politica dos governadores, para as regiões alcantiladas e perigosas de um presidencialismo que exagerou os proprios defeitos na hipertrofia do poder pessoal.

O despotismo e a tirania se instalavam no governo por entre farças eleitorais mais ou menos custosas aos cofres da Nação.

Foi para implantar de vez

no Brasil o governo do povo pelo povo e para o povo que fomes da luta das urnas: para o prelio das armas, tal como no vaticinio da eloquencia corajosa e brava de João Noveas da Fontoura.

Mas como estabelecer esse governo senão por meio de uma lei fundamental que, originando-se da propria vontade do povo, defina os direitos dos indivíduos e da sociedade e limite o poder dos governantes?

Ditadura é negação de governo democratico porque é antes e sobretudo governo de força.

A volta do palao regime da ordem juridica, em que a Constituição seja, como o queria o escritor americano, o sol do sistema politico, em redor do qual gravitam os corpos legislativos, executivos e judicarios, é imperativo das forças vivas da nacionalidade, que querem consolidada a obra benemerita dos ideais que se anteciparam ao movimento insurreccional de outubro e dos que com eles harmonizados em pensamento e em crencas, juraram á Nação, sobre o sangue de mártires e heroes, que a tirariam do despotismo dos homens para dos reinado das leis,

Só dentro do regime constitucional, com o restabelecimento consequente da confiança coletiva, já o dissemos em outra oportunidade, poderá a Nação resolver plena e satisfatoriamente os problemas economicos, financeiros e sociais, que lhe estão a entravar a marcha ascencional.

Uns se intrometem nos outros ligando-os permanentemente. De uns as consequencias nos outros se reverberam.

A revolução, por maior que sejam o esforço, a capacidade e o patriotismo de seus homens, não «organizará democraticamente a liberdade», se não acelerar o passo para a Constituinte que a deve plasmar em normas definitivas, registrando o grau da nossa cultura politica.

A procrastinação preferida dos que enfaticamente se pretendem apoliticos! como se fôra possível a cidadãos de uma Patria livre, se despreocuparem da orientação de sua vida publica, vai abrolhando em «casos, que geram a descrença, estimulam o reacionarismo, e ensancham golpes na unidade moral do Brasil.

A nossa propria terra, que ora vive dias serenos e tranquilos, está sendo olhada como presa facil a ambições insofridas.

Cidadãos que não partilharam dos nossos sofrimentos, que aqui não tem raizes, que da nossa terra só conhecem os proveltos materiais, estão se acreditando no direito de envolver-la

na surpresa de um golpe de conquista.

Nos acolhemos com satisfação o atual Interventor, porque ele, integrado, como nós, na orientação politica da frente empirogandense, participará, dentro no Estado, da nossa luta no momento decisivo da luta.

Mas nem por que tenhamos acceto essa direção, que não importou para a nossa terra em diploma de incapacidade para se dirigir, porque voluntaria, espontanea e expressamente consentida, nem por isso contibamos aos ambiciosos a sorte da Santa Catarina, como se ella fora um pequeno riacho de voluto.

Se os meus lidos obtiverem a acceto essa direção, que não importou para a nossa terra em diploma de incapacidade para se dirigir, porque voluntaria, espontanea e expressamente consentida, nem por isso contibamos aos ambiciosos a sorte da Santa Catarina, como se ella fora um pequeno riacho de voluto.

Moção de solidariedade ao Chefe do Governo Provisorio

O congresso Regional do Partido Liberal por indicação do



DR. GETULIO VARGAS

sr. Ernesto Lacombe, votou uma moção de solidariedade ao chefe do Governo Provisorio dr. Getulio Vargas conciliados nestes termos: O Partido Liberal Catarinense, no Congresso Regional dos Directores do Sul do Estado, reafirma ao benemerito chefe do governo Provisorio inalteravel confiança na sua acção revolucionaria para a definitiva reconstrução politica economica e financeira da Republica.

No proximo numero darem o restante das noticias.

## ANEXO D- JORNAL CORREIO DO SUL, 7 DE ABRIL DE 1934.

## Dom Quixote do liberalismo ...

A cisão do Partido Liberal está oficializada. Entretanto, a finura do sr. Nerêu Ramos considera tudo isso sem a menor importância, certo de que o sr. Aristiliano está combatendo em vão.

(Voz pública)



— Avança, meu Sancho Pança! Vejo inimigos na frente...

— Nada disso, Dom Quixote. São "moinhos de vento" e nada mais.